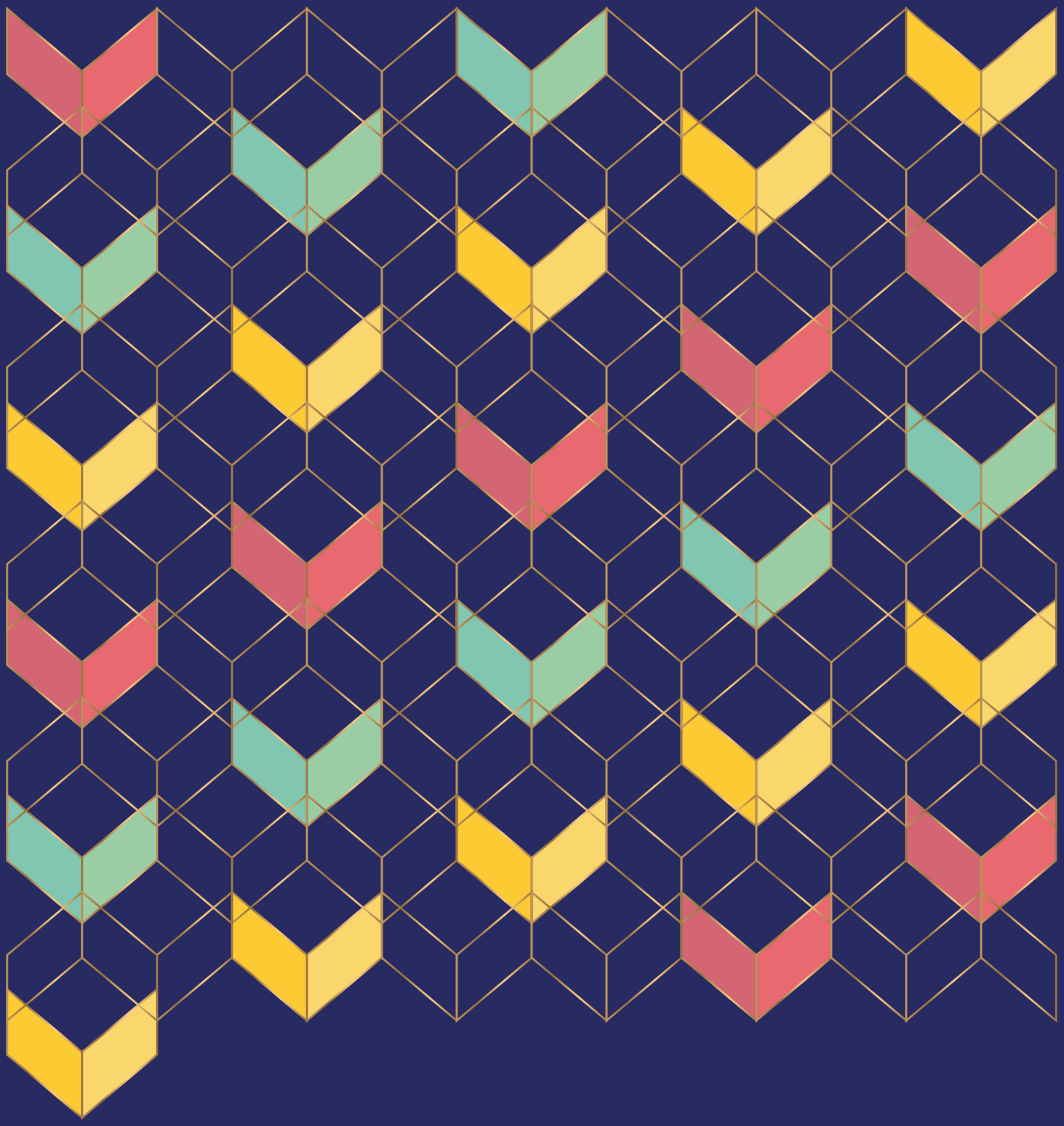


NAUS

REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS

2019

VOLUME 2 | NÚMERO 2

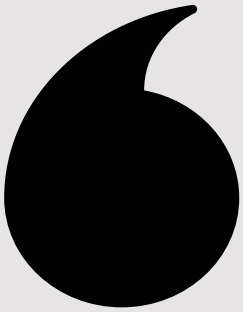
SEMESTRAL (JANEIRO, JULHO)

ISSN (ONLINE): 2184-3058

ASSINATURA ANUAL IMPRESSA: 50€

pontéditora

naus
Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais





Com o andar dos tempos, mais as actividades da convivência e as trocas genéticas, acabámos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas, e, como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a Cegueira. p.12.

NAUS - Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais

Ponteditora, Sociedade Unipessoal, Lda
Startup Madeira - Campus da Penteada
9020 - 105 Funchal, Madeira
E-mail: geral@ponteditora.org
Telefone: + 351 291 723 010
URL: ponteditora.org
URL (revista): revistas.ponteditora.org/index.php/naus
facebook.com/ponteditora
linkedin.com/in/ponteditora
twitter.com/ponteditora
instagram.com/ponteditora

Editor - chefe: Doutor e Mestre Cristiano Santos

Periodicidade: Semestral (janeiro, julho)

Propriedade/Editora: Ponte Editora, Sociedade Unipessoal, Lda.

Composição do Capital da Entidade Proprietária:
10.000 euros, 100% propriedade
Ana Leite, M.Sc.

ISSN (online): 2184-3058
ERC: 127194

EQUIPA EDITORIAL

EDITOR - CHEFE

Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos - Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura. Atualmente é Professor Adjunto na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

CONSELHO

Ana Leite - Mestre em Administração Público-Privada pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Licenciada em Línguas e Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro. Investigadora na Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH) e no Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).
Carla Delfina Carvalho - Mestre em Estudos Linguísticos e Culturais, Universidade da Madeira.
Cláudia Martins - Mestre em Ciências da Linguagem e Doutoranda em Linguística, Universidade Nova de Lisboa; Professora de Português como Língua Estrangeira, Berlitz; Tutora dos Cursos de Português para Estrangeiros, Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.; Investigadora e Assistente Convidada/Pós-Graduação, Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.
Cristian Góes - Doutor em Comunicação e Sociabilidade pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), progrma sanduíche com a Universidade do Minho, em Portugal. É mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Tem especialização em Gestão Pública (Fundação Getúlio Vargas - FGV) e em Comunicação na Gestão de Crise (Universidade Gama Filho - UGF). É membro da Comissão Nacional de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas. Participa da equipe do Museu Virtual da Lusofonia e do Coletivo Carolina Maria de Jesus de Pesquisa em Jornalismo e Cultura.
Dionísio Vila Maior - PhD em Literatura Portuguesa, Universidade Aberta.
Dora Nunes Gago - PhD em Línguas e Literaturas Românicas, Universidade Nova de Lisboa, Professora associada de Literatura no departamento de Português da Universidade de Macau.
Filipe Abraão Couto - PhD em Filosofia e Cultura, Universidade do Minho.
Helena Garvão - PhD no ramo de Estudos Literários, Especialidade em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Mestre em Linguística Portuguesa Histórica, Universidade de Lisboa.
Hugo Diogo - Embaixador do Plano Europeu de Investimento para Portugal, Comissão Europeia; Curso Especializado em Gestão, Eficiência e Rentabilidade, Coimbra Business School; Mestrando em Empreendedorismo e Gestão de Inovação, Universidade Europeia.
Idalina Sardinha - PhD em Estudos da Arte, Universidade da Madeira.
Inês Aroso - Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior (2012). Professora Auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Investigadora Integrada no LabCom (Universidade da Beira Interior).
Irene Maria Blayer - PhD em Linguística, Universidade de Toronto, Professora Catedrática na Universidade de Brock, Canadá.

CIENTÍFICO

Juliana Bonilha - PhD em letras, Universidade Estadual Paulista; Pós-Doutorada em Literatura Comparada; Universidade Nova de Lisboa.

Luis Filipe B. Teixeira - PhD em Estudos Portugueses – Cultura Portuguesa do séc. XX, FCSH da Universidade Nova; Pós-Doutorando em Design, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Investigador Efetivo do CIAUD – Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design; Investigador Associado do CIES-IUL; Pesquisador do NELI, Universidade Federal de Pernambuco; Docente, University of the People.

Luísa Marinho Antunes Paolinelli - Mestre em Literatura Portuguesa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); Doutorada em Literatura Comparada – Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira (Universidade da Madeira); Professora Auxiliar no Centro de Competências de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, na qual é docente desde 1994; Leciona nas áreas da Literatura Portuguesa e Brasileira, Estudos Literários e Estudos Interculturais.

Mariana Batalha Dos Loios - Mestranda em Linguística Aplicada, Língua e Cultura Portuguesa, Universidade de Macau.

Mário Vítor Bastos - PhD em Humanidades, Estudos portugueses, americanos e ingleses; Universidade de Lisboa.

Roberta Bueno Bocchi - Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015) e Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (2006). Especialista em Neurociência aplicada à Educação pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (2019) e Especialista em Formação de Educadores pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Atualmente é Supervisora de Ensino efetiva da Rede de Educação Básica do Estado de São Paulo.

Rute Costa - PhD em Linguística, Universidade Nova de Lisboa.

Sandrina Teixeira - PhD em Comunicação, Publicidade e Relações Públicas, Universidade de Vigo; Instituto Politécnico do Porto.

Tania Rezende - PhD em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais.

Vanda de Sousa - Licenciada em Filosofia (1986) pela Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pós-graduada em Ciências da Informação (1993) pela Universidade Católica Portuguesa, Mestre em Indústrias Culturais (2003) pela Universidade Católica Portuguesa e Doutorada em Estudos de Cultura (2011) pela Universidade Católica Portuguesa. Professora Adjunta Convidada da ESCS – IPL, na área de Audiovisual e Multimédia, faz parte do conselho científico da licenciatura, vice-coordenadora da mesma licenciatura e pertence ao conselho científico da Pós-Graduação em Storytelling, na mesma instituição, onde também é docente.

ESTATUTO EDITORIAL

I – A **NAUS – Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais**, conhecida também pelas formas abreviadas de **NAUS** ou **Revista NAUS**, é uma publicação periódica. Propriedade da Editora: Ponteditora.
II – A **NAUS** dedica-se à divulgação do conhecimento em relação aos fenómenos e relações culturais, bem como, as mediações socioculturais.
III – A linha editorial da **NAUS** centra-se na área da cultura e da comunicação, explorando disciplinas como a literatura, a linguística, entre outras.
IV – A **NAUS** tem por missão fomentar a ciência como forma de estimular a investigação e a elaboração de estudos nos países da CPLP e da Diáspora de língua portuguesa.
V – A **NAUS** é editada semestralmente, em papel, em Portugal e, quando se justificar, na CPLP, sendo disseminada no resto do mundo através da Internet.
VI – A **NAUS** terá, aproximadamente, 80 a 100 páginas de formato A4 e uma tiragem em papel inferior a 1000 exemplares.
VII – A revista **NAUS** destina-se a professores, investigadores e académicos, nacionais ou estrangeiros.
VIII – A **NAUS** apresenta um corpo editorial técnico e científico, aberto a académicos, investigadores e profissionais oriundos de diversas organizações e empresas relacionadas com a investigação cultural e comunicacional.
IX – A revista **NAUS** publica artigos académicos e científicos, originais e de revisão.
X – A **NAUS** publica em português, podendo excecionalmente apresentar artigos noutra língua, desde que se trate de uma língua reconhecida internacionalmente no meio académico e profissional, como por exemplo em inglês.
XI – A revista **NAUS** pretende promover o intercâmbio de ideias, experiências e projetos entre os autores e editores, contribuindo para a reflexão cultural, comunicacional e para a sua ligação com a sociedade.
XII - A **NAUS** assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa-fé dos leitores, nos termos nº 1 do artigo 17º da Lei de Imprensa.

001

EDITORIAL

Editorial

003

MIL E UMA PALAVRAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS: A FOTOGRAFIA COMO ARTE E INFORMAÇÃO

A thousand and one visible and invisible words: Photography as art and information

017

A POLARIZAÇÃO DAS REDES NO DEBATE ELEITORAL BRASILEIRO E O CETICISMO POLÍTICO

The polarization of networks in the Brazilian electoral debate and political skepticism

031

CORPO - MÍDIA: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM AÇÕES DE GÊNERO

Body media: Alternative communocation in gender actions

051

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS REFUGIADOS QUE MIGRAM PARA O RIO DE JANEIRO: O CASO DA FEIRA DE REFUGIADOS CHEGA JUNTO

Social representations and memory in the reframing of the identities of refugees who migrate to Rio de Janeiro: the case of the refugee fair "chega junto"

065

BIBLIOGRAFIA

Bibliography

EDITORIAL

Editor - Chefe **Doutor e Mestre Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos**

Email: cristiano.henrique@eco.ufrj.br

O Número 4 da *Revista Naus* vem a público em um momento crítico da humanidade. As preocupações com a pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2 (Novo Coronavírus) se abatem sobre as nações do mundo ressaltando as fragilidades de um modelo político e econômico em que o sucateamento dos Estados Nacionais e de suas instituições resulta em mortes. A crise sanitária, a disseminação da peste, o adoecimento e morte de seres humanos expõem o quanto os papéis do Estado, dos governos, do sistema de saúde pública, dos programas sociais, das universidades públicas e centros de pesquisa científica, entre outros, são fundamentais e necessários ao enfrentamento da situação. A doença e a morte aplicam a sua pedagogia implacável ensinando que a Ciência, a pesquisa científica, os centros universitários são responsabilidades fundamentais das nações, dos Estados e governantes. Ao mesmo tempo, as desigualdades sociais, a pobreza, governantes genocidas, entre outros males, evidenciam a relevância das escolhas políticas em face da imensa crise de informação que vivemos com as polarizações, fake news, algoritmos, bots, etc.

Os artigos apresentados nesta edição não foram gestados sob os temores da pandemia. São as preocupações políticas que os alinhavam. Ao mesmo tempo, a comunicação é hoje a ciência que ocupa lugar central no contexto das leituras e interpretações de um mundo que precisa se transformar, ser transformado e encontrar uma lógica mais humanista.

Em primeira instância, o texto de Marco António Fontes de Sá, intitulado “Mil e uma palavras visíveis e invisíveis: A fotografia como arte e informação”, toma a fotografia em uma perspectiva militante. A fotografia sempre foi uma forma de arte e a pintura sempre teve seu papel de militância e de transmissão de informação e protesto. A escolha é de quem segura a câmera ou manuseia o pincel e as tintas, pontua o autor.

O artigo “A polarização das redes no debate eleitoral brasileiro e o ceticismo político” de Amelia Aben Athar Olinto Ramos, avalia como o papel das redes

digitais podem ter alterado as relações sociais por evidenciar conflitos e ceticismos com o surgimento de blogs e grupos de ideologia de direita e esquerda, que se antagonizam no Facebook. Tais debates se espraiam na diversidade de redes sociais digitais como lugares de interação, debate e até mesmo de cegueira política.

Em "Corpo – Mídia: Comunicação alternativa em ações de gênero" as autoras Tatiane Bispo Homem e Sara Feitosa estudaram as manifestações veiculadas pela mídia em que mulheres saem às ruas com pouca e/ou nenhuma roupa, defendendo uma causa política, possibilitaram a realização de um trabalho cujo objetivo é descrever o porquê as manifestantes utilizam o corpo como estratégia de protesto. A partir da análise realizada foi possível apreender as principais características das causas defendidas pelas feministas, além de identificar que o corpo, nessas atuações, exerce a função de mídia alternativa.

Conceição Aparecida Nascimento de Souza "Representações sociais e memória na ressignificação das identidades dos refugiados que migram para o Rio de Janeiro : O Caso da Feira de Refugiados Chega Junto", baseia-se em uma análise das representações sociais e da memória, os refugiados que migraram para a cidade do Rio de Janeiro, constroem, afirmam, ressignificam e expressam suas identidades, num processo dinâmico e contínuo de produção de sentidos. Há nessa reflexão muito de humanitário, de organização comunitária, políticas de inclusão, superação das adversidades em face das guerras, perseguições políticas, fuga da fome e de catástrofes. Em suma, há a busca de sobrevivência em face das contingências do mundo.

Com alegria apreensiva, máscara e álcool gel, lhes entregamos a *Revista* NAUS.

Muito obrigado e boa leitura!

Ponteditora NAUS

MIL E UMA PALAVRAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS: A FOTOGRAFIA COMO ARTE E INFORMAÇÃO

A thousand and one visible and invisible words: Photography as art and information

Marco António Fontes de Sá

E-mail: maf.sa@terra.com.br

Doutorando em Ciência da Religião pela PUC/SP/Brasil

003

Resumo

A pintura sempre foi entendida como arte e a fotografia, que apareceu no mundo tentando imitar e substituir a pintura, se transformou num poderoso veículo de informação por ser entendida como uma reprodução da realidade e um testemunho da verdade.

Todavia, a fotografia sempre foi uma forma de arte e a pintura sempre teve seu papel de militância e de transmissão de informação e protesto. A escolha é de quem segura a câmera ou manuseia o pincel e as tintas.

Este artigo pretende apresentar e discutir o papel da fotografia e da pintura como arte e como fonte de informação e de militância em nome na paz e da justiça social, a partir de conceitos elaborados por Roland Barthes, Susan Sontag, Henry Cartier-Bresson e de outros pensadores ligados à fotografia e à semiótica.

Palavras-chave: Fotografia; Pintura; Arte; Informação; Militância.

Abstract

Painting has always been understood as art and photography, which appeared in the world trying to imitate and replace painting, has become a powerful vehicle of information as it is understood as a reproduction of reality and a testimony to the truth.

However, photography has always been an art form and painting has always played its role of activism and of transmitting information and protest. The choice is up to who holds the camera or handles the brush and paints.

This article aims to present and discuss the role of photography and painting as art and as a source of information and advocacy in the name of peace and social justice, based on concepts developed by Roland Barthes, Susan Sontag, Henry Cartier-Bresson and other thinkers linked to photography and semiotics.

Keywords: Photography; Painting; Art; Information; Militancy.

Introdução

Quando a fotografia surgir e ganhou corpo no final do século XIX, os pintores se sentiram ameaçados pela novidade que permitia que os abastados que desejavam ter suas imagens perpetuados numa tela, tivessem uma opção que, acima de tudo, não mais necessitava de várias sessões onde eles tinham que permanecer praticamente imóveis por horas. Alguns minutos parados diante da câmera resolvia a questão com uma imagem que, apesar de não ser colorida, tinha muito mais a aparência da realidade e que dependia de outras técnicas que não eram mais, por exemplo, a habilidade de um pintor de não deixar narizes compridos demais.

A pintura não desapareceu e, ao contrário, como lembra Susan Sontag, citando Edward Weston: "*Libertada pela fotografia do trabalho penoso e ingrato da representação fiel, a pintura começou a perseguir uma tarefa mais elevada; a abstração*". (SONTAG, 1981, p.138)

Tanto como arte como quanto um poderoso veículo de informação, a fotografia mudou radicalmente a forma como entendemos e conhecemos o mundo. Seja exposta em galerias e museus, provocando reflexões seja impressa nas primeiras páginas de jornais, contando histórias, a fotografia sempre nos provoca uma reação, ainda que seja de desdém, mas frequentemente de espanto por transfigurar o mundo e resumi-lo a um retângulo que paralisa o tempo para que sempre vejamos o que somos e o que fomos.

Afinal, fotografia é arte? É só arte? O fotojornalismo também é ou pode ser arte?

Podemos categorizar a fotografia em duas caixas separadas, arte e fotojornalismo?

E a fotografia social, onde se enquadra?

Essa é uma discussão antiga e que aparentemente não tem data para terminar especialmente nesses tempos em que as propagandas de aparelhos de telefone enaltecem sua capacidade de fazer fotografias e em que a *fine art* leva a fotografia de volta às galerias e propõe uma nova leitura da fotografia como arte.

Sem pretender chegar a um desfecho, esse texto talvez ponha mais lenha na fogueira.

Mas ao reavivar o fogo, talvez também ilumine.

Ainda que uma imagem valesse por mil palavras, precisaríamos, antes de tudo, explicar o que entendemos por uma imagem.

Nesse texto, utilizaremos o conceito de imagem apenas para pinturas e fotografias, deixando de lado as imagens tridimensionais, tais como as estátuas e as esculturas de santos, não porque o que vamos dizer não se aplique a elas, mas apenas por uma questão de escolha do nosso objeto e porque a frase em questão normalmente se aplica a esse universo de imagens. Assim, ainda que um quadro ou uma fotografia possa transmitir uma ideia, conceito ou sentimento que substitua mil palavras, sempre haverá uma milésima primeira palavra, (normalmente em forma de pergunta) que terá que ser dita sobre a imagem.

Para justificar essa afirmação, tomemos como exemplo as quatro imagens a seguir:

As quatro imagens são de paisagens.

As duas primeiras são pinturas e as duas seguintes fotografias.









As quatro provocarão, em cada um de nós, sentimentos diferentes, que são função de nossa história pessoal e que poderiam ser descritos e, portanto, substituídos ou interpretados, por mil palavras.

Mas é então que uma milésima primeira palavra surgirá, sempre que qualquer uma das quatro imagens despertar em nós algum sentimento e chamar nossa atenção para ela.

Nas duas primeiras imagens, ainda que uma delas seja extremamente realista e a outra uma arte ingênua, ou "naif", parece evidente, por serem pinturas, especialmente na "naif", que elas não têm um compromisso com a realidade. Elas não se referem, ou não precisam se referir, a um lugar que exista de verdade. Por isso, a milésima primeira palavra, normalmente expressa numa pergunta será: *quem* - *Quem* pintou esse quadro?

Mas as duas imagens seguintes são fotografias e, portanto, o lugar que cada uma reproduz existe. A milésima primeira palavra (pergunta) será então, certamente: *onde* - *Onde* fica esse lugar?

Respondendo a todas elas, a pintura naif é de Tarsila do Amaral e a paisagem realista, do pintor holandês Hendrik Voogd (1768-1839). A foto do jardim foi feita em Baden-Baden, na Alemanha e a da canoa, no rio Araguaia em Mato Grosso.

Eu diria que, por não ter compromisso com a realidade e por, com frequência, ser produto da imaginação do pintor, as pinturas terão quase sempre, como milésima primeira questão, o *Quem*.

Nas fotografias, entretanto, as questões podem não se esgotar na milésima primeira. Onde é esse lugar? Por que estão fazendo isso? Quando isso aconteceu? Quem são essas pessoas? O que estão fazendo? - São todas questões que podem surgir. E todas elas, quando surgem, são fruto do impacto que a imagem nos causa, por causa daquilo que ela revolve no baú da nossa memória, do nosso passado, da nossa vida.

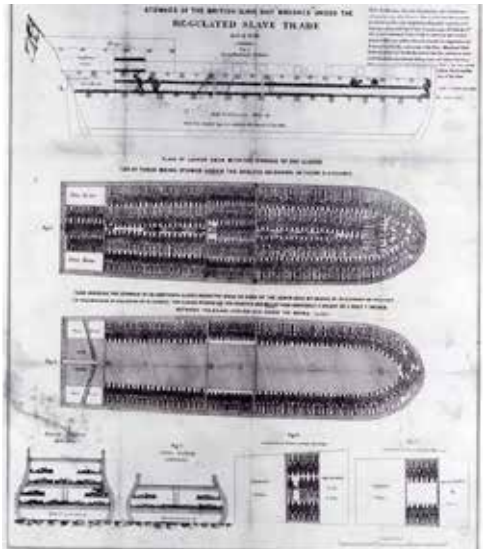
Roland Barthes, em seu livro A *câmara clara*, chamou esse impacto de *Punctum* e o distinguiu do *Studium*, que é o simples olhar e apreciar uma fotografia, ainda que analisando seus predicados, mas sem se envolver emocionalmente com ela.

O Punctum é um poderoso elemento de algumas imagens e pode ser usado como ferramenta para sensibilizar comunidades inteiras, desde que elas tenham valores mais ou menos comum. O Punctum, a meu ver, não está presente só nas fotografias.

As imagens militantes

É o Punctum que transforma imagens em ferramentas de uma militância.

A imagem seguinte é o desenho de como os escravos eram instalados no navio negreiro Brooks.



Conforme Marcus Rediker nos conta em seu livro, O *Navio Negreiro*, esta imagem à esquerda foi usada no século XVIII, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, numa campanha para terminar com o tráfico de escravos. As pessoas sabiam do tráfico, mas não tinham ideia de como ele era feito. Conhecer como os escravizados eram transportados fez com que aumentasse a militância contra o tráfico.

Ainda em relação à escravidão, Paul Harro Harring foi um artista que passou pelo Brasil nos meados do século XIX. Diferentemente de outros artistas como Post, Staden, Debret e Rugendas, Harring era um militante abolicionista e sua arte mostrava os absurdos criados pela escravidão, como na pintura *Negra acusada de roubo*. (em baixo)



A pintura também pode militar de uma forma anacrônica, como nos mostra o quadro *Três de maio*, de Francisco de Goya. Apesar de se referir à resistência espanhola à dominação de Napoleão Bonaparte, em 1808, o quadro só foi pintado em 1814.



Já Guernica, do também espanhol Picasso, foi contemporânea da tragédia que retrata.



E aí está uma (talvez) limitação da fotografia. Ela não pode retratar o passado, embora o preserve no tempo.

A fotografia militante mostra o que somos e o que fomos. O que fazemos e o que fizemos, dependendo de em que época ela é vista. As três imagens seguintes são, respectivamente: Vietnã,1968 – Eddie Adams; Sudão, 1993 – Kevin Carter; Vietnã, 1972 – Huynh Cong Tu (Nick Ut)







Imagens cruéis de uma realidade que nos desafia, esse tipo de fotografia militante nos expõe um lado incompreensível da nossa humanidade e dispara um Punctum que atinge e fere a qualquer um. Seu poder é tanto que o fotógrafo Kevin Carter, autor da segunda imagem, se matou algum tempo depois de tê-la feito.

A imagem militante e catequética

O uso da imagem na religião e na catequese tem sido frequente desde os primórdios de qualquer atividade que possamos caracterizar como religiosa ou imbuída de espiritualidade.

Particularmente no Cristianismo, o uso de imagens passou por momentos de embates e reflexões, mas, mesmo reformadores como Lutero admitiam o uso de imagens com fins didáticos e não devocionais.



Imagem ao lado é um exemplo Católico onde a arte e a devoção se unem num conjunto de informações que pretende ser, mais do que admirado, entendido. Foi pintada por Giovanni Bellini, no início do século XVI.

A obra utiliza um cenário que faz referência à primavera europeia (reflorescimento, renascimento) e a imagem do menino Jesus dormindo como analogias à morte e ressureição para uma vida nova.

O ícone Bizantino é um outro tipo de imagem militante e catequético que usa as cores para transmitir uma mensagem. Além disso ele aplica um conceito chamado perspectiva inversa, que, ao contrário da perspectiva linear, frequente nas obras renascentistas, coloca o ponto de fuga da imagem no plano onde está o observador, de modo que ele seja envolvido pela imagem, que também não é feita para ser admirada, e sim contemplada.



Esquemas indicando a perspectiva linear e a perspectiva inversa

Além disso, tudo no ícone é informação. A imagem ao lado é a representação da Santíssima Trindade. Ao contrário das representações mais conhecidas em que o Pai é representado por um velho barbudo, o Filho, pelo Cristo e o Espírito Santo por uma pomba, este ícone mostra três figuras aparentemente iguais cuja identificação depende de um certo conhecimento teológico. O filho é a figura do meio, identificado pela posição dos dois dedos da mão que indicam sua dupla natureza, divina e humana. Ele e uma outra figura olham na direção da terceira que é, portanto, o Pai. Com isso, o Espírito Santo é naturalmente identificado como a outra figura que, como o Filho, olha para o Pai com a cabeça levemente inclinada para baixo.



O instante definitivo – O Punctum antecipado de Henri Cartie-Bresson

O instante definitivo definido por Henri Cartier-Bresson (1908-2004) trata do momento exato em que os elementos de uma cena se organizam de tal forma que é a hora do fotógrafo apertar o disparador da câmera e realizar a fotografia.

De certa forma, isso equivale ao conceito de Punctum que Roland Barthes diz existir em fotos que não foram feitas por ele.

Cartier pretende (e se propõe a isso) que o fotógrafo preveja a cena que irá fotografar e que espere até que os elementos se encaixem nessa previsão, que é o momento do disparo. A imagem prevista, que antecipa a foto, é a que causa o impacto no autor da foto, enquanto que a imagem fotografada é a que, eventualmente, causará impacto em quem a vê, depois.

O estilo e a técnica com que Cartier-Bresson fotografava certamente influenciavam seu conceito do que é fotografia. Ele usava uma câmera 35 mm de lente fixa, o que significa que não tinha que ponderar sobre qual lente usar e que seria alguma coisa a mais para pensar, antes da foto. Usava filme de rolo, o que significa que dispunha de, no máximo, de 36 fotogramas para, eventualmente, fazer uma sequência de fotos, coisa que aparentemente ele não fazia.

Hoje as câmeras digitais podem fazer mais de 6 fotos por segundo e armazenar centenas de imagens num cartão de memória muito menor que uma caixa de

fósforos. Em outras palavras, em um minuto é hoje possível produzir o equivalente a 10 rolos do filme que Cartier-Bresson usava. Isso naturalmente implica em se perguntar o quanto é ainda relevante o instante definitivo de que ele falava, ou se será o Punctum posterior, que virá na visualização do que foi produzido, que dirá qual a imagem definitiva, a que será exibida como o instante definitivo a ser admirado.

O filme A *Vida secreta de Walter Mitty*, parece apresentar uma terceira opção para essas escolhas. Num momento emblemático, o personagem principal encontra um fotógrafo que ele passou quase todo o filme procurando. Walter o encontra no Himalaia, se preparando para fotografar um leopardo das neves, animal raro de se ver. Todavia, no instante definitivo, o fotógrafo não dispara, sai de trás da câmera e fica olhando para o bicho. Diz então uma frase emblemática: "*Se eu gosto de um momento, pessoalmente, não gosto de me distrair com a câmera. Quero apenas estar ali*". O fotógrafo dispensa o instante definitivo pelo prazer de ver sem a lente. Isso deve soar absurdo para tanta gente que, hoje, assiste momentos importantes da vida através da tela de um celular.

O Punctum previsto de Lello Piazza

Airone é uma sociedade italiana semelhante à National Geographic que, como esta, edita uma revista. No final da década de 1980 o editor da revista, Lello Piazza, publicou um manual voltado para a fotografia de natureza. No prefácio desse manual, Piazza se dedica a explicar o que seria um profissional de fotografia gabaritado para atender às exigências de uma publicação como a Airone. Num trecho desse prefácio ele diz:

> Os profissionais distinguem-se dos amadores [...] principalmente porque, antes de partirem para uma viagem, se documentam consultando tudo que conseguem encontrar, escrito e fotografado, sobre o tema que irão abordar. (PIAZZA, 1992, p.8)

A afirmação de Piazza é como uma fusão dos conceitos de Barthes e Cartier-Bresson. É um Punctum, muito mais antecipado que o de Bresson, pelo envolvimento com o tema e pelo conhecimento prévio do que se vai fotografar e, portanto, é também uma construção antecipada do instante definitivo.

Mas Lello Piazza também ressalta, nesse texto, a importância da fotografia como fonte de informação, que é sua função numa revista.

Entramos aqui num divisor de águas bastante discutido por Susan Sontag no capítulo intitulado Evangelhos Fotográficos, de seu livro *Ensaios sobre a fotografia*: Fotografia arte e fotografia não arte. E aqui, há uma série de considerações a fazer sobre os vários tipos de fotografia que não se preocupam com sua função como arte.

Sontag aponta o status que foi dado à fotografia quando ela foi finalmente incluída nas salas dos museus, mas também ressalta a importância das exposições com conjuntos de fotos de um mesmo autor, numa unidade identitária. De fato, quando essa unidade conta uma história a fotografia arte começa a se aproximar do fotojornalismo de revistas como a Airone.

A imaginação e as histórias mal contadas

Por outro lado, a foto jornalística que é publicada nas primeiras páginas de jornais tem o mérito de sozinha, contar boa parte de uma história que será esclarecida no texto, o que a torna semelhante a uma foto numa galeria de arte ou museu. A distinção é que a foto na primeira página dos jornais não dá espaço para a imaginação. Todavia, discriminar o fotojornalismo por não considera-lo arte, não é incomum.

A rigor, essa distinção entre as duas formas de fotografia é uma história antiga e, embora o fotojornalismo nem sempre se importe em ser entendido como arte, quem tem a fotografia como arte costuma menosprezar o fotojornalismo.

Sylvian Maresca, num texto publicado no livro *Como pensam as imagens*, organizado por Etienne Samain, afirma:

> Quanto às fotografias que fogem dos contextos comerciais de publicação, como a imprensa ou a publicidade, para aceder aos horizontes julgados mais prestigiosos das galerias dos museus, elas trocam a "legenda" por um título que ambiciona fazer delas obras, no sentido pleno da palavra (SAMAIN, 2014, p. 38)

Mas o fotojornalismo ganhou destaque social, especialmente a partir da segunda guerra mundial, e hoje é bastante comum acontecerem exposições de fotografias que foram publicadas em jornais e revistas e que não tem a pretensão de torna-las obras de arte mas, justamente, de mostrar seu poder informativo e transformador. É aqui que a ideia da substituição das mil palavras se torna um caso à parte.

A imagem ao lado foi originalmente feita em cores e transformada para preto e branco.



Supondo que ela fosse enviada para uma galeria de arte, seria preciso apenas que tivesse um título. Assim, imaginando que o garoto no lado esquerdo do quadro seja o dono da bicicleta que está sendo concertada e que ele esteja esperando que ela fique pronta, o título poderia ser: "*Quando fica pronta?*" e as mil palavras que a imagem e título criariam na cabeça de quem a vê, fariam o resto.

Se a mesma foto fosse para outra exposição, de fotografias jornalísticas e sabendo que o menino não é o dono da bicicleta e que está ali por acaso, a foto seria exposta, não com um título, mas com uma legenda: *Bicicletaria do Sr. Adão - Poconé - MT/2016*. Não seria mais necessário imaginar as mil palavras porque o que precisa ser dito está ali. A foto jornalística não precisa da imaginação pois ela se compromete com a realidade.

No início desse ano (2018), uma foto feita durante o réveillon na praia de Copacabana ganhou destaque nas redes sociais. A imagem, feita em cores, foi convertida para preto e branco e sofreu um leve corte nas bordas. Aparentemente esse tratamento foi dado pela agência que divulgou a imagem e não pelo fotógrafo, mas isso destacou um menino solitário de pele escura, que contrastou com a roupa branca das pessoas no fundo e, a partir daí várias histórias foram imaginadas a partir de um Punctum de quem viu a foto, mas não estava lá. Racismo, abandono, solidão, foram os sentimentos e ideias que vieram desse Punctum. Todavia o fotógrafo não sabia quem era o garoto, se ele estava sozinho ou acompanhado, se era pobre ou não. Só foi se interessar por isso depois que a foto fez sucesso. Todas as mil palavras que a mídia associou à fotografia eram fruto da imaginação de quem as escreveu. O fotógrafo tinha a imagem, mas não as mil palavras. Sem desmerecer a fotografia, é curioso que, justamente por não contar uma história, essa fotografia foi elogiada por quem a interpretou como arte.

Numa frase do capítulo *Evangelhos Fotográficos*, Susan Sontag, se referindo às exposições de fotografias em museus, nos diz que: "*As coleções ecléticas dos museus consolidam a arbitrariedade, a subjetividade de toda a fotografia, inclusive as mais objetivamente descritas*" (SONTAG, 1981, p. 128). Isso tem muito a ver com o sucesso da fotografia do menino na praia de Copacabana.

Para finalizar este texto, eu não poderia deixar de mencionar a fotografia social,[1] que citei na introdução. Todavia, por entender pouco do universo dessa modalidade que vem se tornando um grande produto do mercado de consumo,

diria apenas que a entendo como uma faceta derivada do fotojornalismo. A fotografia social também conta uma história, restrita e voltada para um público restrito.

Conclusão

Esta é uma conclusão do texto e não sobre o texto.

Fotografar significa fazer escolhas técnicas e sentimentais. Fazer escolhas significa assumir responsabilidades.

Fotografar é contar uma história sobre o que você fotografou e contar histórias também significa assumir responsabilidades.

Fotografar é separar partes do mundo e da história para contar, pelo tempo que for preservada, um fato, um momento e mesmo um sentimento, até a quem nunca viu pessoalmente o que foi fotografado. Para fazer essa separação também é necessário assumir responsabilidades.

Lembrando de Roland Barthes, suponho que qualquer forma de arte tende a nos induzir a um *Studium*, mas é na fotografia, entendida como a arte que existe como um extrato do mundo real, que poderemos ter sempre o *Punctum*, justamente por causa da informação nela contida. Quadros como o de Goya, Picasso e Harro Harring e o desenho do navio Brooks só conseguem causar um impacto semelhante porque pretendem reproduzir uma realidade impactante.

Entendo que qualquer outra forma de arte que se proponha a produzir um *Punctum*, terá mais chances se tentar se aproximar da realidade.

A fotografia pode ser encarada como arte mas ela também é informação. Quem fotografa deveria sempre se comprometer a se informar e a informar sobre o que foi fotografado pois uma fotografia feita assim também pode ser transformada em arte, mas o contrário não é possível e uma fotografia construída para ser arte nem sempre “sabe” algo sobre o que foi fotografado.

1 Chamo de fotografia social aquela que registra eventos sociais particulares, tais como festas e comemorações familiares que, em geral, só são publicadas em redes sociais e que há algumas décadas alimentavam álbuns de fotografias. Uma variedade desse tipo de fotografia é a institucional, que registra os mesmos eventos da história de empresas.

A POLARIZAÇÃO DAS REDES NO DEBATE ELEITORAL BRASILEIRO E O CETICISMO POLÍTICO

The polarization of networks in the Brazilian electoral debate and political skepticism

Amelia Aben Athar Olinto Ramos

E-mail: ameliaab@hotmail.com
Associação dos Magistrados do Rio de Janeiro, AMAERJ, Brasil

Resumo

O presente artigo busca analisar o cenário eleitoral brasileiro do ano de 2018 a partir das redes sociais, especificamente, o *Facebook*. O estudo avalia como o papel das redes digitais podem ter alterado as relações sociais por evidenciar conflitos e ceticismos com o surgimento de blogs e grupos de ideologia de direita e esquerda, que se antagonizam no Facebook. O trabalho de pesquisa está compreendido no período entre o início do horário da propaganda eleitoral gratuita até o resultado das eleições. Serão analisados posts de dois grupos: "Pragmatismo Político" (que ideologicamente caracteriza-se como esquerda) e "MBL – Movimento Brasil Livre" (que pode classificado como grupo ideologicamente de direita).

Palavras-chave: Ceticismo; Eleições; Facebook; Fake News; Tecnologia digital.

Abstract

This article seeks to analyze the Brazilian electoral scenario of 2018 from social networks, specifically, Facebook. The study evaluates how the role of digital networks may have altered social relations by highlighting conflicts and skepticism with the emergence of blogs and ideological groups from the right and left, which antagonize on Facebook. The research work is in the period from the beginning of the free electoral propaganda until the election results. Posts from two groups will be analyzed: "Political Pragmatism" (which is ideologically characterized as left) and "MBL - Free Brazil Movement" (which can be classified as an ideologically right group).

Keywords: Skepticism; Elections; Facebook; Fake News; Digital technology.

Introdução

O trabalho apresentado é um estudo que começou a ser realizado - e que ainda está em etapa inicial – cuja motivação centrou-se na percepção da autora de como se comportam as relações de antagonismos políticos na rede. As eleições de 2018 parecem ter trazido modificações importantes ao cenário eleitoral brasileiro. O pleito foi conduzido por uma volumosa e rápida circulação de informações, por notícias falsas e pela critptografia do Whatsapp. Em um mundo de manipulação das redes, em campanhas como as de Donald Trump e do Brexit, e as eleições em que russos são acusados de hackear,[1] não faltaram especulações sobre influências estrangeiras nas eleições brasileiras, como a possível interferência da empresa britânica de dados e análise política Cambridge Analytica (CA) e de seu ex-conselheiro Steve Bannon, ex-estrategista do governo americano.

Desde que começamos a entender que as redes sociais digitais criaram uma esfera de debate online, os dados produzidos por institutos de pesquisas eleitorais já não dão conta de uma análise precisa da intenção de voto. A crise não parece ter se estabelecido somente no Brasil e em um recente passado tomamos conhecimento de resultados de pesquisas projetados adversos dos resultados das urnas. O *Brexit*, campanha para saída no Reino Unido da União Europeia (EU), foi um desses casos. Até o momento final da consulta pública esperava-se que a Inglaterra permanecesse na UE. Outro caso emblemático deu-se últimas eleições para presidência dos EUA, disputada entre Hillary Clinton e Donald Trump, com vitória deste. Ambos os exemplos não estavam na projeção das pesquisas, até o último momento, como foram, de fato, atestados nas urnas.

Desta forma, as redes assumem uma atuação importante. Portanto, torna-se relevante o estudo sobre como o papel das redes digitais pode ter alterado as relações sociais por evidenciar conflitos e ceticismos, principalmente nos debates políticos com o surgimento de blogs e na formação de grupos de ideologia de direita e esquerda no Facebook. O artigo pretende entender, a partir do início do horário da propaganda eleitoral gratuita 30 de agosto, até final do pleito no segundo turno, 28 de outubro de 2018, de que maneira se desenvolveram os debates e os antagonismos para compreender o ceticismo político e os efeitos do debate político nas redes. Para isso, serão analisados alguns posts de dois grupos:

1 Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/hackers-russos-tentam-interferir-nas-eleicoes-no-brasil-diz-empresa-de-ciberseguranca.shtml. Acesso em: 19.06.2019
Hackers Russos tentaram interferir nas eleições brasileiras usando as redes sociais para insuflar artificialmente debates que questionam a democracia no país e outros temas ligados a disputa presidencial.

"Pragmatismo Político" (que ideologicamente caracteriza-se como esquerda) e "MBL – Movimento Brasil Livre" (que podem ser categorizado como grupo ideologicamente de direita).

As redes sociais causaram um excesso de estetização do cotidiano, com blogs, sites e este excesso foi notado com bastante ênfase no cenário político. Não só pela propagação imediata das imagens, mas principalmente e com ênfase, nos que se especializaram no assunto: política. O cotidiano (CERTEAU, 1998), na internet, deve ser pensado incluindo as questões econômicas, ideológicas e principalmente os impactos e possíveis efeitos sobre os usuários da internet. O discurso assume uma velocidade que em pouco tempo o que se apresenta em um instante, já tornou-se ultrapassado para uma grupos numerosos de pessoas. De acordo com Lipovetsky e Serroy (2015), esta é uma nova ótica do capitalismo, agora centrado no modelo pós-fordiano, ou pós-industrial da economia liberal.

O que se percebe é que as redes sociais criaram uma esfera de debate (HABERMAS, 2011). O trabalho aqui apresentado pretende entender através do estudo de posts coletados no Facebook, de que maneira os debates e os antagonismos na rede geram resultados que movimentam massas de internautas. Além disso, pretende-se compreender o possível surgimento de uma visão política cética, no Brasil, visto que o número de abstenção de votos tem crescido ao longo das sucessivas eleições.

Fato que também merece atenção especial na discussão sobre as mídias sociais e o ceticismo político, as eleições presidências de 2014 revelaram o mais alto índice de abstenção de voto desde as eleições de 1998, de acordo com dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Chegando a 19,4% do eleitorado brasileiro, foram totalizados 27,7 milhões de eleitores brasileiros (dos 142,8 milhões) que não compareceram às urnas. No entanto, em 2018 o índice de abstenção apurado foi de 21,3% de um total de 147,3 milhões de eleitores, superando o ano de 2014. Isto pode de alguma maneira ratificar que os debates na rede fomentam alguns comportamentos sociais,[2] especialmente no que se refere ao grau de abstenção nas eleições. De maneira geral, o debate que antes estava concentrado nas mídias tradicionais passou a apresentar uma significativa mudança com a internet e o meio digital.

Em virtude disso, é de grande importância procurar entender como operam as relações virtuais de grupos de ideologias políticas antagônicas em um cenário eleitoral de incertezas e ceticismos.

2 Disponívelem:http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/nivel-de-abstencao-nas-eleicoes-e-o-mais-alto-desde-1998.html.Acessado em 19.06.2019

Os grupos de opiniões ideológicas políticas contrárias no Facebook disputam a hegemonia (COUTINHO apud GRAMSCI, 1999) de suas ideias sobre a sociedade e suas questões estão provavelmente mais além do que simples rivalidades. Muito provavelmente transitem pela ordem das construções morais, totalmente opostas. Isto traduz uma formação carregada de valores e construída de forma que qualquer divergência é uma ameaça categórica constante à relação entre os indivíduos.

As relações de poder reprimem a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. Quando o discurso contemporâneo define repetidamente o poder como sendo repressivo, isto não é uma novidade (FOUCAULT, 1981); o tempo, nas redes, favorece o capital usando a política e estabelecendo uma relação de poder. O que está em jogo na política hoje é a rivalidade e a questão de afirmação dos grupos econômicos que sustentam cada uma das candidaturas. Então na verdade não se tem uma guerra por um projeto de país, o que temos é uma guerra de interesse econômico e de poder a partir de forças antagônicas. O poder político, ainda segundo Foucault, reinscreve perpetuamente estas relações de força, através de uma guerra silenciosa, nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos.

Neste sentido, vale ressaltar que a internet deu alguns sinais de que incentivaria a troca entre as pessoas, com suas diferentes culturas, línguas, opiniões, origens, estimulando de alguma maneira as experiências que resultariam em pluralismo. Por outro lado, proporcionou meios para formação de grupos que reforçam o preconceito e de alguma maneira, como as redes e seus algoritmos inserem nos feeds de notícias, oferecem conteúdos de acordo com nossas preferências, reforçando cada vez mais a ideia de estarmos em uma realidade confortável.

Partindo desta ideia de que as redes digitais proporcionam um horizonte da ciberdemocracia, o que encontramos é uma realidade cada vez mais fechada em bolhas. Nas bolhas ideológicas que surgem nas redes digitais, sem diálogo político, o que temos como resultado é a geração de polêmicas. Cada um na sua trincheira, sem troca significativa.

A política gera um movimento no Facebook e é possível notar que algo está para além da polarização, propriamente dita. Questiona-se que talvez haja um interesse do sistema em manter a rede polarizada. Entende-se sistema como o interesse capitalista e político que nos leva a refletir sobre o capitalismo Fordista e a possível origem de um novo sistema que alimenta as redes. Estamos diante de uma produção fabril no campo da comunicação. Há uma indústria da produção de informação e contrainformação e o que está em jogo não é um embate de ideias ou de um projeto de país. O que percebe-se é uma guerra de informação e contrainformação através de uma lógica industrial de produção de conteúdos que se presta a determinado grupo e como não há controle nem regulação, pode-se utilizar a arma que for conveniente.

Essa política, no cenário do Facebook, reflete que quanto mais tempo empreendido nas redes, mais envolvido no fortalecimento de um capital cognitivo, centrado nas mudanças ocorridas pelas tecnologias da internet, da Web 2.0, que transformaram o modo de produção e a natureza do trabalho. O consumidor customiza a informação. Partindo do pressuposto de que a rede envolve o usuário e vice-versa, vale entender se estamos diante de uma ecologia das mídias fazendo com que a ubiquidade da rede nos envolva. Ou seja, a rede envolve o usuário, ao contrário de o usuário se deslocar até ela. Uma conexão generalizada.

Os grupos de Facebook escolhidos têm revelado cada vez mais uma polarização política construindo uma arena de debates, que será importante para percebermos de que maneira a polarização tem se tornado um vilão quando o assunto é eleição e discussões políticas, produzindo uma certa opacidade compreensiva quanto ao projeto político. As mídias sociais digitais são ferramentas que permitem a divulgação e compartilhamento de conteúdo, já as redes sociais são os sites de relacionamento que formam as pessoas em rede e ao mesmo tempo uma interação com o público que tenha alguma ligação ou interesse comum. É nessa arena de convergência que o estudo pretende se desenvolver para compreender os conflitos que emergem.

Metodologia

A questão que norteia a metodologia busca entender como os cidadãos se apropriam do Facebook para divergir das questões políticas de forma tão polarizada e antagônica. Os discursos baseados em discordâncias parecem ter se tornado a tônica da narrativa do Facebook, em tempo de transição de governo, da esquerda para a direita, da TV para as redes sociais. Em uma primeira etapa foi necessária a identificação do universo a ser analisado por meio da navegação exploratória para mapear publicações (posts). Em um segundo momento, foi feita a organização dos dados importantes para uma amostra final de posts. A leitura desses dados compõe uma terceira etapa, que permitirá condensar esses comentários em categorias.

Para facilitar a compreensão do universo a ser estudado neste artigo, foi elaborado um quadro com os grupos do Facebook, o número de comentários e o número de compartilhamentos.

Grupos Facebook	*Postagem*	*Data*	*Nº de comentários*	*Nº de compartilhamentos*
Pragmatismo Político	Globo decide não cobrir agenda do PT nas eleições após Lula subir nas pesquisas.	23/08/18	47	335
MBL	Petistas são pagos para fazer propaganda no Twitter.	27/08/18	22	3.693
MBL	Lula só se tornou inelegível graças ao excelente trabalho feito por homens e mulheres que merecem ser lembrados para sempre.	02/09/18	664	7.790
Pragmatismo Político	TSE manda Facebook remover notícia sobre Jair Bolsonaro.	06/09/18	62	14

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados

O presente trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório-descritivo e abordagem quali-quantitativa, realizada a partir de dados primários coletados do Facebook dos grupos selecionados. Os posts foram coletados no período do começo do horário eleitoral gratuito de 30 de agosto a 28 de outubro, quando ocorreu o segundo turno das eleições de 2018. Para o trabalho foram selecionados alguns posts relevantes para discussão. Os dados analisados serão apresentados e discutidos através de textos e imagens.

A técnica de amostragem não-probabilística foi adotada neste estudo, uma vez que, quem decide a unidade de análise em detrimento da acessibilidade para se conseguir informações, nesse caso, é a pesquisadora. É importante ressaltar que não há previsão de estudo quanto à robotização do processo eleitoral. Na realidade a atenção está voltada para os perfis que têm uma identidade ou institucional ou de grupo, como é o caso do MBL e Pragmatismo Político, e como se apresentam no Facebook, especificamente.

A imersão em comunidades é o ponto de partida usando critérios de dados quantitativos e qualitativos para o desenvolvimento do trabalho. Observando os posts, comentários, linhas de argumentação, selecionando os mais comentados e mais discutidos para aprofundar a análise.

A pesquisa se baseou no uso de netnografia, preferido por pesquisadores da área em seus estudos relacionados à Internet, uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais, da comunicação mediada por computadores e análise de redes sociais.

De acordo com Kozinets (2014), em netnografia a coleta de dados não acontece isoladamente da análise de dados. Durante a coleta de dados cabe ao netnógrafo se esforçar para compreender as pessoas representadas nessas interações a partir do contexto comunal e cultural online em que elas se inscrevem. O próprio fato de participar da comunidade pode mudar a natureza da posterior análise de dados.

Referencial teórico

Em 2018, o Facebook retirou do ar páginas e contas usadas pelos membros do grupo ativista de direita Movimento Brasil Livre (MBL),[3] cerca de 196 páginas e 87 contas no Brasil. O conteúdo das páginas que tinha meio milhão de seguidores, variava entre temas políticos e notícias sensacionalistas. O movimento ganhou força em 2016 no impeachment da presidente Dilma Rousseff. Ao mesmo tempo, ativistas e articulistas de direita se opuseram quanto à decisão do Facebook reduzir o alcance na plataforma de matérias contendo notícias verificadamente falsas.

Estamos vivendo com as redes digitais o que Hunter (1991)[4] definiu há algumas décadas sobre a sociedade americana, como guerra cultural, a partir da ideia de uma ruptura na sociedade provocada por dois conjuntos morais: um ethos moral progressista e um ortodoxo. A antiga polarização entre uma direita liberal, que defende a meritocracia baseada na livre iniciativa, e uma esquerda que

3 EL PAÍS. Facebook retira do ar rede ligada ao MBL antes das eleições. Páginas desativadas tinham, juntas, mais de meio milhão de seguidores, segundo fontes ouvidas exclusivamente pela agência Reuters. Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/politica/1532531670_089900.html. Acessado em 19.06.2019

4 O sociólogo americano analisou a crescente polarização do país em torno de temas que até meados do século 20 não faziam parte do debate público. Direito ao aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, conceito jurídico de família, cotas raciais em universidades, entre outros temas, que passaram a mobilizar a opinião pública no país a partir da década de 60. Essa miríade de choques culturais indicava, segundo Hunter, uma guerra cultural originária de um conflito cultural profundamente enraizado.

defende a intervenção política para justiça social passa a ser substituída por um conservadorismo punitivo e, de outro lado, um progressismo compreensivo. (ORTELLADO, 2014).

A internet e as redes digitais abriram espaço para novas possibilidades de ativismo. Por outro lado, percebe-se que há vozes mais radicais com manifestações e repercussões que antes não eram alcançadas. A tecnologia mudou, mas a radicalização do debate nos remete ao que Hunter (1991) considerava há algumas décadas: "o resultado do sensacionalismo ruidoso é calar as vozes mais moderadas". A existência da polarização quando se reflete em uma radicalidade negativa é a expressão do sentimento de ódio.

> "O discurso de ódio é o motor da viralidade política. Cabe aqui inserir aspas no termo 'discurso de ódio', para qualificar tanto o sentido do 'discurso' (porque nele há franqueza, há a verdade como denúncia do horror, mas há também falsificação e artificialidade do real), quanto o sentido do 'de ódio' (porque a raiva também explicita crítica rasgada e eloquente da indignação da exploração da vida, mas também pode ser efeito do *haterismo* idealista e sua metralhadora cheia de mágoas)". (MALINI, 2017) [5]

O assunto nos leva a pensar sobre a questão ética e a credibilidade da informação através da competência crítica em informação (CCI) que esclarece sobre o usuário e a maneira como proceder em termos instrumentais para suprir suas necessidades informacionais. Isso sem falar no uso ético da informação a que está diretamente relacionado. De acordo com Brisola, Shneider e Silva (2017) a dimensão ético-política do uso remete às disputas de poder, das microdisputas cotidianas às querelas entre partidos políticos ou mesmo entre Estados-Nação, em suas inúmeras modulações: argumentos, leis, espionagem, arquivos, propaganda etc. No limite, remete à liberdade e à tirania.

> "A CCI exige: **1)** competência instrumental; **2)** reflexão sobre as necessidades informacionais; **3)** atitude questionadora diante da informação; **4)** atitude questionadora diante das fontes de informação; **5)** Estudo da ética em informação; **6)** conhecimento das teorias sociais críticas e críticas da informação". (SHNEIDER et al, 2017, p.49)

5 https://www.labic.net/cartografia/como-o-discurso-de-odio-amplia-a-viralidade-do-noticiario-politico-no-facebook/ Acessado em: 20.06.2019

A questão está também em compreender a manutenção da polarização nas redes e o sistema que permite que essa esfera de debate prossiga nesse ritmo de enfrentamento. Embora os algoritmos sejam um jogo de poder dessas novas mídias, de acordo com Antoun (2017) considera-se que exista uma sequência da lógica de querer que você permaneça conectado. "Nessa perspectiva, as redes sociais são bem menos invasivas que a mídia de massa tradicional, com a qual, mesmo que você não queira, certamente estará em contato na televisão do restaurante, no rádio do táxi etc."[6]

Desta forma a reflexão de Afonso Albuquerque (2017) sobre Blogosfera Progressista não deve ser compreendida como um elemento à parte do sistema midiático brasileiro. Pelo contrário, é interessante encará-la como parte de uma ecologia da mídia contemporânea no país. E é a ação coletiva que transforma um punhado de blogs de política em verdadeiro ecossistema midiático.

O elevado número de abstenções de votos, os desalentados, aqueles que já desistiram de estudar ou procurar emprego, compõem parcela da população que tem crescido e que, portanto, emerge em um cenário eleitoral de incertezas. Precisamos avaliar qual o reflexo desse contingente hoje, frente a uma realidade de redes sociais digitais. Dizem Malini e Antoun (2017) ser inegável o papel da rede em promover a liberdade de expressão e o desenvolvimento social, quando vinculado à biopolítica. No entanto, para eles, trata-se de um livre "arbítrio" condicionado, "negativo", monitorado, vigiado, orientando para atender, em parte, aos interesses e estratégias de mercado.

Segundo Sodré (2014), ainda em referência à Malini e Antoun, no modelo da "Web 2.0", em que se trata de receber e compartilhar os conteúdos e os usuários definidos como "perfis", observa-se que passa a ser medida pela quantidade de grupos criados, o que transforma fãs e seguidores em parceiros de uma agenda informativa.

Ao estudar os grupos no Facebook como o MBL (Movimento Brasil Livre), percebemos a manifestação de uma resistência da civilização burguesa. Desta forma, é preciso atentar para a questão de que os grupos talvez promovam a manutenção do *status quo* do pensamento hegemônico, criando diferentes certezas a cada postagem para seus seguidores. De acordo com Gramsci sobre o pensamento hegemônico:

6 EL PAÍS. Facebook retira do ar rede ligada ao MBL antes das eleições. Páginas desativadas tinham, juntas, mais de meio milhão de seguidores, segundo fontes ouvidas exclusivamente pela agência Reuters. Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/politica/1532531670_089900.html. Acessado em 20.06.2018

> "Nas sociedades capitalistas desenvolvidas ("sociedades de tipo ocidental"), a dominação coercitiva é completada pelas relações de direção político-ideológica, que ocorrem no interior da sociedade civil. Por meio dos aparelhos de hegemonia - imprensa, escola, Igreja, partido, sindicato etc.- os grupos dominantes exercem sua liderança intelectual e moral sobre o conjunto da sociedade, assegurando o consenso ativo dos dominados. As classes subalternas, por sua vez, para conquistar o poder, deverão ser capazes de criar e expressar uma visão de mundo contra-hegemônica". (Gramsci apud Coutinho, Leal 2012, p.110)

As relações virtuais de grupos de direita e esquerda, em um cenário eleitoral de incertezas e ceticismos, estão quase sempre representadas pelo ódio, pela intransigência e, acima de tudo, pela impossibilidade de diálogo em um meio que seria tão próspero neste sentido. De acordo com Wilson Gomes (2015), os ambientes sociais são forças de constrangimento ou reconhecimento social, ou seja, quanto mais o indivíduo é recompensado por certo comportamento, mais extremo se torna. O que se percebe é que as pessoas se sentem à vontade de atacar outras na rede porque o ambiente on-line permite isso.

Os Posts

A pesquisa foi realizada na internet no período que compreende o horário da propaganda eleitoral gratuita, de 30 de agosto até o segundo turno das eleições, 28 de outubro de 2018. A pesquisa na sua totalidade tem 130 posts coletados para dar prosseguimento ao estudo. Para o artigo foram selecionados quatro posts identificados pela sua importância relacionada à discussão aqui proposta. Na realidade o trabalho pretende se desenvolver e não se esgota nesta apresentação.

Para iniciar é necessário apresentar um pequeno histórico sobre os grupos escolhidos, suas origens e formação. O Pragmatismo Político,[7] além se ser de uma ideologia política mais à esquerda e está no ar desde setembro de 2009, se consolidou como um dos maiores sites de notícias e opinião do Brasil. "Caracterizado pela independência editorial, o grupo se destaca por disseminar informações de qualidade e fomentar debates e reflexões que estimulam o senso crítico — tudo com responsabilidade jornalística".

7 PRAGMATISMO POLÍTICO. Quem somos? Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/01/quem-somos.html>. Acesso em 28/06/2019

O MBL - Movimento Brasil Livre[8] que está alinhado a uma ideologia política mais à direita, é um movimento político brasileiro que defende o liberalismo econômico e o republicanismo, ativo desde 2014. Em seu manifesto, cita cinco objetivos: "imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras". Em sua Homepage vende produtos como “pixulecos” e aceita doações em BTC, Bitcoins,[9] primeira criptomoeda descentralizada do mundo, que permite pagamentos em transações online.

Os posts relativos ao MBL em geral têm uma imagem muito carregada de informações com textos na mesma proporção que as imagens, deixando a aparência pouco técnica e gerando alguma dúvida ou questionamento quanto à credibilidade. Isso foi observado na maioria dos posts coletados e os que estão exemplificados e selecionados neste estudo. Esta é a maneira que se percebe a comunicação escolhida pelo MBL. Inicialmente esta forma não afasta seu público de suas ideias.

O Pragmatismo Político, por ser um site de notícias e opiniões, além de ter sido fundado há mais tempo que o MBL, tem um aspecto jornalístico na sua comunicação, o que pode gerar uma credibilidade maior. Por outro lado, acaba selecionando mais o seu público.

No primeiro post, do Pragmatismo publicado dia 23 de agosto 2018, a Rede Globo declara que não dará cobertura à campanha do ex-presidente Lula, pois priorizará os candidatos mais bem posicionados nas pesquisas. A justificativa era de que o ex-presidente estava preso em Curitiba. O jornalista e apresentador William Bonner informou que apenas os candidatos registrados no TSE e mais bem posicionados na pesquisa Datafolha e Ibope teriam cobertura.

No segundo post, do MBL, publicado no dia 27 de agosto de 2018, após o início da propaganda eleitoral gratuita, com mais de 3 mil compartilhamentos, a Lava Jato estava sendo usada nos comentários para reforçar o perfil mentiroso, bandido e criminoso dos Petistas. O post fazia referência a uma reportagem da Folha de S. Paulo: “Exército virtual petista foi pago para fazer propaganda pró PT via Twitter”.

No terceiro post, do MBL, publicado no dia 2 de setembro, o grupo faz uma mensagem de agradecimento aos operadores do Direito envolvidos na Lava Jato.

8 WIKIPÉDIA. Movimento Brasil Livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasil_Livre>. Acesso em 28/06/2019

9 MERCADO BITCOIN. Disponível em: https://www.mercadobitcoin.com.br/ Acesso em 28/06/2019

O post alcançou quase oito mil compartilhamentos e doze mil curtidas. Palavras como “herói”, “povo brasileiro”, “orgulho”, “justiça”, “Lava Jato” se repetem a cada comentário e parecem amplificar a publicação.

No quarto post, do Pragmatismo Político, no dia 6 de setembro, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) ordena que seja retirada do ar a publicação sobre Jair Bolsonaro, onde o candidato nega precisar de votos dos nordestinos. Até a eleição anterior a 2018, as regiões Norte e Nordeste eram reduto dos eleitores de esquerda. Nesta eleição, o mapa por votos de esquerda e direita sofreu uma alteração: estados do nordeste que tinham resultado favorável para o candidato de esquerda, desta vez, ao contrário, cederam espaço para candidatos de direita.









Quadro 1: Prints de posts do Facebook

Fonte: Arquivo da autora baseado nos posts coletados.

Considerações finais

O estudo dessas relações de antagonismo e seus significados é ainda uma apresentação preliminar de uma percepção da autora que compreendeu que os enfrentamentos na rede tomaram um rumo sem possibilidade de diálogo e, portanto, sem possibilidade de ampliação do conhecimento. No caso em questão, ainda não será possível tirar conclusões mais aprofundadas justamente por estar em estágio inicial.

Muito embora o estudo seja preliminar, o trabalho tem como objetivo ressaltar as divergências e analisar alguns pontos que validam a comunicação no Facebook como os compartilhamentos de postagens, as curtidas e a análise dos debates e os antagonismos para compreender o ceticismo político e os efeitos do debate político.

Nos posts apresentados, fica visível a postura do grupo MBL referente ao cenário político e a ênfase nos aspectos que estigmatizam ainda mais o ex-presidente Lula, o PT e o enaltecimento da Lava Jato. Pôde-se avaliar que a Lava Jato estava neste período como mola propulsora também das eleições, dado o aumento de comentários e compartilhamentos quando por algum motivo se mencionava a ideia como se fosse a voz moralista do povo.

É importante perceber que o número de compartilhamentos informado no Facebook do grupo MBL é muito superior ao número de compartilhamentos informado no Facebook do grupo Pragmatismo Político. Observou-se nos posts do grupo MBL de 27 de agosto de 2018 que obteve 3.693 compartilhamentos e de 02 de setembro de 2018 atingiu a marca de 7.792 compartilhamentos. Em relação aos do grupo do Pragmatismo Político o post de 23 de agosto de 2018 foram 335 compartilhamentos e no de 06 de setembro de 2018 chegaram a registrar 14 compartilhamentos.

No que se refere ao Pragmatismo Político, a tentativa parece, inicialmente, publicar o que vai gerar credibilidade à informação. É possível observar que suas publicações apresentam um número bem inferior de compartilhamentos e comentários, igualmente.

Além disso, foi importante fazer um pequeno histórico de cada grupo antagônico no Facebook para que fosse possível visualizar o comportamento de cada um na rede e facilitar a abordagem relativas aos posts.

Algumas limitações foram percebidas ao longo da construção do artigo e que devem ser pensadas como sugestões para o desenvolvimento desse trabalho: **(1)** a dificuldade de apurar os dados referentes aos grupos em laboratórios de pesquisas de dados, para confrontar resultados. **(2)** realizar uma análise dos usos de *hashtags* no período estudado. **(3)** embora não esteja previsto na evolução do trabalho o estudo do uso de robôs, será muito importante que se crie nuvens de palavras para os posts que apresentarem importância neste sentido.

CORPO - MÍDIA: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM AÇÕES DE GÊNERO

Body media: Alternative communocation in gender actions

Tatiane Bispo Homem | Sara Feitosa

E-mail: tatianebispohomem@gmail.com | sarafeitosa@unipampa.edu.br
UBI | Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Brasil

Resumo

As constantes manifestações veiculadas pela mídia em que mulheres saem às ruas com pouca e/ou nenhuma roupa, defendendo uma causa política, possibilitaram a realização de um trabalho cujo objetivo é descrever o porquê as manifestantes utilizam o corpo como estratégia de protesto. O objeto de estudo é composto por um movimento: *Marcha das Vadias* e duas ativistas independentes. O *corpus* de análise resulta em três entrevistas. A metodologia adotada integra a revisão bibliográfica, pesquisa de campo, documental e descritiva. Como base teórica, empregou-se os estudos de corpo e poder por Michel Foucault a fim de descrever esse tipo de recurso utilizado em atos de gênero. A partir do estudo realizado foi possível apreender as principais características das causas defendidas pelas feministas, além de identificar que o corpo, nessas atuações, exerce a função de mídia alternativa.

Palavras-chave: Corpo; Nudez; Feminismo; Novos Movimentos Sociais; Mídia.

Abstract

The constant expressions conveyed by the media in which women take to the streets with little and / or no clothing, defending a political cause, made it possible to conduct a study aimed at identifying why the protesters use the body as a protest strategy. The object of study consists of one movement: March of Bitches and two independent activists. The corpus of analysis results in four interviews. The methodology consists of a literature review, field research and documentary. As a theoretical basis, studies by Michel Foucault. From the study it was possible to grasp the main features of the causes defended by feminists, and identify the body, these performances, plays alternative media function.

Keywords: Body; Nude; Feminism; New Social Movements; Media.

1. Introdução

As motivações para realização dessa pesquisa vieram da vontade de entender o mundo e as constantes pressões exercidas sobre a mulher e, principalmente, sobre seu corpo. A indústria da moda, do sexo, da estética, empresa privada e o governo usam a imagem da mulher para vender todos os produtos e, mesmo que involuntariamente, criam um estereótipo de que o sexo feminino tem de se encaixar em uma série de padrões predeterminados, como ser magra. A normatização do corpo, criada tanto pela medicina, que defende que uma pessoa gorda representa, ao menos potencialmente, um problema de saúde, quanto pela publicidade, que lembra insistentemente que se deve ter um corpo considerado "perfeito", influencia diretamente nas relações humanas.

As recentes manifestações por parte do público feminino veiculadas pela mídia mostram-se como um interessante ponto de partida para um estudo científico. Compostas, em sua maioria, por mulheres com roupas consideradas provocantes – como blusinhas transparentes, *lingeries*, ou mesmo sem nenhuma peça de roupa – o caráter dessas reivindicações destoam um pouco das já realizadas por grupos feministas, no passado. No contexto histórico mundial, manifestações sempre existiram, bem como a utilização de cartazes, distribuição de panfletos e gritos que escancaravam as demandas em pauta. No entanto, sair à rua totalmente nua, mostrando as imperfeições, como forma de chamar atenção para algo, é uma iniciativa nova. As manifestantes que integram estes recentes movimentos utilizam desses recursos, vistos, muitas vezes, como apelativos, como forma de tentar mudar paradigmas atrelados a um público que está saturado e cansado de viver sob padrões que a sociedade impõe.

O presente trabalho tem como ponto de partida as manifestações de grupos como *Marcha das Vadias*, e de duas ativistas independentes, bem como entrevista com essas representantes. Pretende-se, assim, responder com a investigação a seguinte questão: a utilização do corpo em manifestações pode ser considerada uma mídia alternativa, ou seja, uma nova forma de comunicação de protesto?

O objetivo do trabalho é descrever o corpo como uma forma de expressão nessas manifestações autointituladas feministas, ou seja, o que as mulheres querem expressar utilizando esse recurso e o porquê dessa estratégia. Para realizá-lo, foram mapeadas as técnicas de manifestações que fazem uso do corpo, apresentados os movimentos autointitulados feministas que recorrem ao corpo como mídia de protesto e como elas enxergam esse artifício.

2. Metodologia

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa que se utilizou de variados procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica; pesquisa de campo; pesquisa documental e descrição das estratégias dos movimentos/ações investigadas, respectivamente.

Comumente à leitura, anotações foram feitas gradativamente, assim, aos poucos, começaram a emergir os contornos das primeiras unidades de registro. O passo seguinte foi entrevistar feministas que atuam de diferentes formas. Depois disso, através das interpretações da pesquisadora obtidas ao longo da investigação, por meio dos referenciais bibliográficos, foi possível responder à pergunta "a utilização do corpo em manifestações pode ser considerada uma mídia alternativa, ou seja, uma nova forma de comunicação de protesto?". Sendo assim, justifica-se a importância deste trabalho de observar as características dos movimentos/ ações que utilizam o corpo como mídia de protesto, por meio de fotografias, vídeos e notícias disponibilizadas nos meios de comunicação tradicional, além de publicações nas redes sociais digitais.

2.1 Ampliando a compreensão

Com o intuito de aprofundar e explorar os conhecimentos acerca das práticas das ações estudadas, foram realizadas entrevistas, entre outubro e dezembro de 2014, com três membros de diferentes ações/manifestações. Por não ter sido encontrada uma fundamentação teórica que abarque o corpo como instrumento de mídia alternativa em ações de gênero, foi necessária realizar as entrevistas a fim de entender o porquê de elas escolherem manifestar-se dessa forma. Ao entrevistá-las, foi possível identificar os ideais que defendem, bem como suas motivações de realizarem ações de gênero. Devido à distância, duas entrevistas foram feitas por áudio do *what's app* (com a jornalista Nana Queiroz e a professora Daiara Figueroa) e a outra por telefone (com a estudante de jornalismo Luciele Oliveira). No primeiro momento, foi aplicado o roteiro de perguntas por e-mail como forma de teste, mas não foi possível utilizá-las neste trabalho, pois as respostas ficaram limitadas. Constatou-se, assim, que por áudio a entrevista poderia resultar mais proveitosa para a investigação. O roteiro de perguntas (Apêndice I) foi o mesmo para todas, e estava aberto a alterações, caso fosse necessário. Dessa forma, a entrevistada teve a oportunidade de pensar e se expressar livremente sobre o assunto em questão. A escolha das entrevistadas teve como critério principal ativistas que possuíssem características distintas umas das outras nas formas de atuação e que já tivessem realizado protestos nuas e/ou com pouca roupa. Outra prioridade levada em consideração é que fossem

mulheres que tivessem participado das manifestações desde a primeira edição (como no caso da representante da *Marcha das Vadias*), pois, desta forma, teria mais propriedade ao falar em nome do coletivo. O objetivo final foi fornecer anotações plausíveis para o estudo da questão-problema.O resultado das entrevistas está exposto ao longo do texto, mais especificamente nos capítulos 4 e 5, e foram extraídas as falas de maior importância e que mais se encaixavam no trabalho proposto.

3. Corpo, poder e indivíduo

A preocupação do indivíduo com o corpo não é um fenômeno atual e ronda as instâncias políticas, privadas, econômicas e sociais da sociedade. Apesar de neste trabalho considerarmos o corpo como um instrumento de comunicação, as feministas, ao realizarem ações exibindo boa parte do corpo nu, cometem o crime presente no Código Penal Brasileiro, art. 233, de Ato *obsceno*, que consiste em praticar um ato obsceno em lugar público, ou aberto, ou exposto ao público. Exemplos de atos considerados obscenos são a exibição de órgãos sexuais, dos seios (no caso das mulheres), das nádegas, prática de ato libidinoso em local público, entre outros. A pena para quem comete esse crime é a detenção de três meses a um ano, ou o pagamento de uma multa. É importante frisar que as manifestantes, ao saírem com o seio à mostra, cometem o mesmo tipo de crime daqueles que praticam um ato libidinoso, o qual é caracterizado pela conjunção carnal ou cópula vaginal, ou seja, pela penetração do pênis na vagina. O dispositivo da sexualidade, no entanto, adequa-se, de acordo com a situação, ditando o que pode e o que não pode. O carnaval, por exemplo, serve como uma ilustração que, mesmo em uma situação de suspensão da interdição sobre o nu do corpo feminino, há uma interdição "de que o corpo" pode ser exibido. Na ala das baianas, composta, preferencialmente, por senhoras e que não possuem um corpo dito "ideal", é utilizado um figurino o qual não mostra o corpo. Já as passistas e rainhas de bateria, que são mulheres que têm um corpo escultural, apresentam-se com figurinos que mostram a sua forma e, muitas vezes, o próprio torso. Constata-se, assim, que um dos aspectos com maior relevo em torno do corpo é a sexualidade.

Em meio a uma civilização tão voltada para o desenvolvimento de imensos aparelhos de produção e de destruição, Foucault (2010), ao iniciar o seu estudo, levantou da obscuridade uma sexualidade que os discursos, os hábitos, as instituições, os regulamentos, os saberes traziam à plena luz. "Interrogar-se-á sobre o que pôde tornar-nos tão presunçoso; por que nos atribuímos ao sexo, contra toda uma moral milenar; a importância que dizemos ter [...]" (FOUCAULT, 2010, p. 172). A maneira como essas manifestantes sujeitos deste estudo encontraram em se manifestar rompe, assim como fez o filósofo na época, com

a normatização dos discursos de comportamento e das leis vigentes, além de descobrirem uma nova forma de reivindicar pelas causas que defendem. Elas transgridem com o judiciário ao descumprirem a lei referente ao *Ato obsceno*; a civilização que gere o bom funcionamento da sociedade a partir da ordem imposta pelos dispositivos de poder; e do rompimento da padronização da indústria da beleza, já que muitas delas não se encaixam no corpo visto como o "ideal". As manifestantes perceberam toda essa opressão que existe entorno da exibição pública da nudez, que começaram a utilizar-se dela para questionar, para lhe dedicar atenção e preocupação, para fazer a sociedade se indagar sobre a soberania de sua censura.

Essa estratégia como forma de chamar a atenção é um fenômeno atual e não era comum em ações de gênero. As estratégias foram se diversificando e se tornando mais complexa com o passar dos anos. Se pegarmos, por exemplo, o episódio conhecido como *Bra-Burning* (A Queima dos Sutiãs), ocorrido em frente ao teatro onde era realizado o concurso Miss America, na cidade de Atlantic City, nos Estados Unidos da América, notaremos, claramente, a diferença dos métodos utilizados anteriormente com os atuais. As manifestantes que participaram daquele acontecimento não chegaram a queimar os seus sutiãs, tampouco os tiraram do corpo, o que fizeram foi reunir, em uma lata de lixo, sapatos de salto alto, cílios postiços, maquiagens, espartilhos, cintas e sutiãs para serem queimados. A Prefeitura, contudo, não autorizou o uso de fogo. Essas transformações ocorridas no âmbito dos movimentos sociais se deram, dentre outras razões, devido a informatização e a globalização da sociedade que, atualmente, se organizam em rede.

4. Corpo como forma de mídia alternativa

Atualmente, são várias as ações de gênero que utilizam o corpo como instrumento de mídia alternativa. O presente trabalho, contudo, voltará a atenção para um movimento social, a *Marcha das Vadias*, mais especificamente a que acontece em Santa Maria (RS); e para duas ativistas independentes. Nos tópicos que seguem, é feito um breve contexto das ações que envolvem cada uma, oferecendo dados sobre sua composição, história e táticas de ação. Em seguida, são descritos os protestos em que elas utilizaram a nudez como mídia de protesto alternativa, bem como as causas que objetivam defender.

Conforme foi dito acima, a fim de explorar e aprofundar a utilização do corpo nesses ativismos, foram entrevistadas três integrantes: Luciele Oliveira, que falou em nome da *Marcha das Vadias*; a jornalista Nana Queiroz e a professora Daiara Figueroa. Sendo assim, todas as declarações apresentadas são fruto das entrevistas realizadas entre outubro e dezembro de 2014).

A *Marcha das Vadias* teve início em janeiro de 2011, na cidade de Toronto, no Canadá, como reação à fala de um policial durante uma palestra sobre segurança no Campus da Universidade York, que alertava para que "as mulheres evitassem se vestir como vadias, para não serem vítimas". O primeiro protesto reuniu cerca de três mil homens e mulheres, e estes vestiram roupas de todos os jeitos, pintaram seus corpos e deixaram os seios à mostra e trouxeram cartazes com frases como "Meu vestido não é um sim". Posteriormente, diversos países organizaram a *Marcha*, englobando, assim, mais de 200 cidades, sendo 30 no Brasil (HELENE, 2013).

A *Marcha das Vadias*, em Santa Maria, teve a sua primeira edição no dia 2 de junho de 2012 e naquela data reuniu cerca de mil pessoas de acordo com uma das organizadoras do protesto e representante da *Marcha* no presente trabalho, Luciele Oliveira - natural de Santa Maria (RS), possui 26 anos, é estudante de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (doravante designada UFSM) e atua na área de comunicação do coletivo; além disso, participa do Levante Mundial da Juventude (movimento social, politicamente ligado à esquerda).

A motivação de iniciar a *Marcha* na cidade surgiu depois que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFSM convocou uma reunião com todos os movimentos existentes na Universidade. A partir daquele momento, aproximadamente quinze pessoas perceberam a importância de iniciar a *Marcha* no município. Além de criarem os protestos, as ativistas organizam festas com o objetivo de financiar os gastos do coletivo e participam de eventos que contemplem as questões de gênero. Organizam, ainda, oficinas de batucada, na qual as mulheres fazem os batuques e ensaiam as batidas que darão ritmo à marcha no dia da manifestação. Existem também as oficinas de cartazes e rodas de discussão abertas.

A jornalista Nana Queiroz, 33 anos, natural de São Paulo vive atualmente em Brasília, teve a ideia de promover no *FaceBook* a campanha *Não mereço ser estuprada*. Nana tirou a foto na frente do Congresso Nacional, em Brasília, depois que o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (doravante designado IPEA) divulgou uma pesquisa na qual apontou que 65% dos entrevistados consideravam que as mulheres de roupa curta merecia ser estupradas. A jornalista postou a foto, no dia 28 de março de 2014, às 20h, junto com outras pessoas. A ação expandiu-se de uma maneira que, nos dias seguintes, aproximadamente 200 mil pessoas participaram do protesto. O que não se esperava, entretanto, é que a pesquisa havia sido publicada com os dados errados pelo IPEA. Na verdade apenas 26% concordavam com a frase "mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas". Para tentar se retratar, o Instituto publicou, no dia 4 de abril de 2014, uma nota em que faz uma errata à pesquisa "Tolerância social à violência contra as mulheres".[1] A nota publicada não impediu que a repercussão da campanha idealizada por Nana Queiroz ganhasse milhares de adesões.

Daiara Hori Figueroa, 36 anos, natural de São Paulo e que reside nos dias de hoje em Brasília, é professora e ativista independente. Já participou da *Marcha das Vadias*, da campanha iniciada por Nana Queiroz, além de trabalhar como modelo vivo representando questões feministas. As *performances* nuas que Daiara Figueroa realiza acontecem dentro de um evento de contextos artísticos. "As *performances* de rua, assim como as manifestações de nudez, partem do mesmo princípio de presença do corpo como meio de comunicação. É colocar o corpo da mulher como ele simplesmente é: sem véus, sem roupas e sem padrões", ressalta Daiara Figueroa.

Todos os ativismos estudados nesta pesquisa utilizam a *performance* como estratégia de suas ações. A *Marcha das Vadias* e a campanha idealizada por Nana Queiroz as usam mais no sentido político. Encaixam-se também no que Stephen Farthing (2010) nomeia de "estratégia de guerrilha", que é aquela em que as ativistas protestam de uma forma agressiva e não comportada. Enquanto isso, as *performances* realizadas por Daiara Figueroa é mais voltada para o lado artístico. Ela defende que a arte é um meio da linguagem para passar mensagens potentes que fogem da simples verbalização.

No livro *Tudo sobre Arte – Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos*, de Stephen Farthing, a autora ressalta que a arte performática originou-se dos eventos teatrais montados pelos artistas futuristas, dadaístas e surrealistas, no início do século XX. Esse tipo específico de arte representava a tentativa de esses pioneiros destruírem a distância entre o artista e o público.

As *performances* realizadas por Daiara Figueroa possuem uma ligação bem mais forte com essas *performances* vanguardistas, o que diverge das outras estudadas.

No próximo subitem algumas ações serão exibidas por meio imagético com o intuito de facilitar a compreensão. A professora Figueroa, no entanto, não possui muitos registros das *performances* que já realizou (apenas a que participou da campanha criada por Nana Queiroz e de uma *performance* indígena (Figura 1: Daiara Figueroa adere à campanha idealizada por Nana Queiroz)). Apesar disso, acreditamos ser importante utilizá-la como *corpus* investigado, pois se diferencia dos outros dois tipos de ativismo estudado.

1 Trecho da nota publicada pela IPEA: "Vimos a público pedir desculpas e corrigir dois erros nos resultados de nossa pesquisa Tolerância social à violência contra as mulheres, divulgada em 27/03/2014. O erro relevante foi causado pela troca dos gráficos relativos aos percentuais das respostas às frases "*Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar e – Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas*". Disponível em : http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971&catid=10&Itemi. Acesso dia 31/10/2019.



Figura 1: Daiara Figueroa adere à campanha idealizada por Nana Queiroz

Fonte: Revista Época (2014).

5. Descrições do contexto das ações específicas

É notório que as manifestantes que participam desses atos se mostram, em geral, de uma maneira que contrasta com o estereótipo da feminista dos anos 1970 e 1980, caracterizada como séria, asséptica e nada erotizada. O termo feminismo é utilizado para caracterizar os movimentos sociais voltados para a luta pelos direitos das mulheres, com o objetivo de alcançar a liberdade da mulher e o fim das estruturas patriarcais. Segundo ALVES&PITANGUY (1991), no livro *O que é feminismo*:

> O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades "femininas" ou "masculinas" sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura, possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder. (ALVES e PITANGUY, 1991, p. 9).

As causas defendidas pelas ativistas descritas no subitem anterior destoam um pouco umas das outras, mas todas se auto-intitulam feministas e pregam discursos semelhantes. A *Marcha das Vadias*, que acontece em Santa Maria, tem como eixo central a luta pela liberdade das mulheres, o fim do machismo e do patriarcado, da violência contra a mulher, e por uma sociedade em que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens.

Daiara Figueroa iniciou as primeiras *performances* nuas em prol de questões feministas devido a uma necessidade urgente de mudança com relação a algumas questões sociais. Além do seu inconformismo com o mundo que é desigual diante das relações de gênero.

No que diz respeito aos locais das ações, pode-se observar, por meio das entrevistas, que a escolha varia de acordo com o intuito pretendido, com exceção da *Marcha das Vadias* que faz sempre no centro de Santa Maria (Figura 2: *Marcha das Vadias* em sua primeira edição no centro de Santa Maria). Porque além de ser um local com boa visibilidade reúne pessoas de todas as classes sociais. "Por mais que a gente tenha vontade de fazer os protestos na periferia sabemos da dificuldade de realizar lá, principalmente pelo nome da *Marcha*, que é uma ironia e muitas pessoas talvez não entendam. Lá nós optamos por desenvolver atividades ao longo do ano, com mais calma, outra metodologia, pois as mulheres da periferia têm outro nível de compreensão", diz Luciele Oliveira. Falando sobre as datas escolhidas, a *Marcha das Vadias*, na edição de 2012, pautou-se pelo calendário das *Marchas* das outras cidades, que ocorrem nos meses de junho e julho. Em 2013 aconteceu no período em que o Papa estava no Brasil. Em 2014 as organizadoras não se basearam nas datas dos outros protestos por conta da questão climática, já que os meses de junho e julho é um período de frio intenso na cidade.



Figura 2: *Marcha das Vadias* em sua primeira edição no centro de Santa Maria.

Fonte: Gabriela Belnhak (2014)

Deixar se fotografar em frente ao Congresso Nacional (Figura 3: Nana Queiroz em frente ao Congresso Nacional (BR) promovendo a campanha *Não mereço ser estuprada*), um dia depois do resultado da pesquisa realizada pelo IPEA, foi uma forma de Nana Queiroz dizer que aquela campanha não era só um gesto para a população brasileira, mas também para os líderes. O machismo, segundo a jornalista, está enraizado no Brasil porque os líderes não se preocupam em cuidar de uma educação e um Estado que dê assistência para a mulher se livrar de situações de abuso. Ela esperava uma resposta dos líderes, pois aquela pesquisa mostrava uma deficiência social, e uma deficiência social tem que ser corrigida também com atitudes do poder público.



Figura 3: Nana Queiroz em frente ao Congresso Nacional (BR) promovendo a campanha *Não mereço ser estuprada.*

Fonte: *FaceBook* (2014)

As *performances* realizadas por Daiara Figueroa acontecem em contextos artísticos, principalmente dentro de universidades, ou em lugares simbólicos, como foi o caso de um amamentaço que realizou, em 2004, num local onde uma mulher tinha sido repreendida por amamentar em público. Em 2013, realizou uma ação de repúdio da tortura às mulheres, durante o Comitê Nacional da Verdade, na Praça dos Três Poderes (BR). Na ocasião, a professora fez um *vídeo mapping* – técnica que consiste na projeção de vídeo em objetos irregulares – na estátua da justiça, no qual simulou uma tortura que incluía o estupro. Ademais, desenvolve *performances* que incluem pautas de liberdade da mulher, da proteção às indígenas (Figura 4: Daiara Figueroa e colegas em *performance* à favor das mulheres indígenas), e contra o machismo e o patriarcado.

Quando questionada, durante a entrevista, como é feita as escolhas das pautas de cada ação, Figueroa ressalta que não existe, o que se sobressai é a poética que nasce da natureza do artista. "Eu não escolho, mas posso ter motivações. A *performance* tem muito de improviso também. As coisas fluem ou travam naturalmente", diz a professora.



Figura 4: Daiara Figueroa e colegas em performance à favor das mulheres indígenas.

Fonte: *FaceBook* (2014)

Quanto ao modo de como as ativistas agem durante as ações, todas as entrevistadas relataram ter uma postura séria e agressiva, mas atuam de forma pacífica. Elas acreditam que não há como protestar pela legalização do aborto, por exemplo, sorrindo, pois milhares de mulheres morrem por dia devido ao aborto clandestino.

Falando sobre o porquê das ativistas escolherem manifestar-se com pouca roupa e não da forma tradicional, Luciele Oliveira acredita que a questão do nu e da roupa curta é um contraponto social a questões concretas que dizem respeito à violência contra a mulher.

No artigo O *corpo "espelho do eu" – A exteriorização no processo de formatação da subjetividade contemporânea*, Bruno Thebaldi (2013) destaca a importância que o corpo exerce na sociedade:

> O corpo é visto como um importante instrumento de medida e valor de si: a maior propaganda que temos de nós mesmos, podendo tanto dar mostras de sucesso de uma administração bem-sucedida, quanto de falhas e fracassos de um gerenciamento malconduzido. As atenções se voltam para as camadas superficiais da pele e o aspeto de cada um, isto é, à personalidade (Riesman, 1995), a qual, diferentemente do caráter, é bem mais maleável e adaptável. Em uma palavra, líquida. O corpo torna-se, pois, um objeto ou artigo que revela nossa subjetividade: um espelho do eu. (THEBALDI, 2013, p. 3)

A nudez feminina, extremamente explorada nas mídias convencionais como objeto de consumo, sendo o corpo feminino "apresentado como moeda de troca, um 'patrimônio a ser negociado'. Beleza e a sedução regulada pela 'ditadura da estética'" (BELELI, 2007, p. 3). Lopes (2005, p. 14) acrescenta, em O *Culto às mídias: interpretação, cultura e contratos*, que "deste modo, vendem-se simbolicamente automóveis, cigarros, cerveja, serviços bancários, planos de saúde, dentre outras mercadorias associando-os ao amor e à prática sexual". Enquanto isso, se comparar a normatização do corpo feminino ao masculino nas propagandas midiáticas, é possível constatar a explícita distinção de gênero existente. De acordo com Beleli (2007, p. 202), "Ainda que as imagens de homens estejam também pautadas por um padrão de beleza, não é na beleza que se ancora a masculinidade, mas em padrões como sucesso no mercado de trabalho, conquistas econômicas, sociais e sexuais".

As manifestantes de grupos feministas iniciaram a utilizar o corpo como instrumento de protesto a fim de chamar atenção para as causas às quais defendem e acreditam (Figura 5: *Marcha das Vadias* ocorrida em 2012 em Santa Maria). Sair às ruas, seminuas, ou nuas, atrai muito mais olhares, propagações nas redes sociais, aparições nas mídias, do que simplesmente levar cartazes.

Essas ativistas, no entanto, não estão preocupadas em estar dentro dos padrões exigidos pela sociedade, como ironiza Michel Foucault (1979, p. 78), em *Microfísica do Poder*, "Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado",



Figura 5: *Marcha das Vadias* ocorrida em 2012 em Santa Maria.

Fonte: Gabriela Benhak (2012)

mas na mensagem que querem passar, ou seja, não é o corpo pelo corpo, e sim o corpo como mídia. E é isso que se diferencia das exibições mostradas em revistas masculinas e *sites* pornográficos, por exemplo.

No momento que as ativistas atuam sem uma peça de roupa, lutando por seus direitos, muitas pessoas se escandalizam e retribuem com xingamentos. A estudante de jornalismo, Luciele Oliveira, ressalta que elas entendem como sendo uma manifestação por direitos, como contraponto a sociedade moralista, e de quebra de tabus, além de ser uma forma de dizer que o corpo é uma propriedade individual de cada uma e que a Igreja e o Estado não tem nada a ver com isso. "É algo que comunica, o corpo diz muito sobre isso. Se analisarmos o contexto histórico percebemos que as mulheres que queimavam sutiãs também eram tratadas como loucas e hoje reconhecemos que por causa delas muitos direitos foram conquistados. São questões políticas, pessoais e culturais", declara Luciele Oliveira. O coletivo da *Marcha* defende que protestar com os seios aparecendo é encorajador e pedagógico, pois é uma ação de empoderamento da mulher. O espaço público foi negado durante vários anos para o gênero feminino, sair pelada, com várias mulheres, fortalece a classe. "Você se identifica com outras mulheres, [pautas temáticas] que são necessárias, empodera- se com seu próprio corpo, você dá um grito de basta. Precisamos ensinar os homens a aceitarem e não as mulheres a temerem", finaliza Oliveira.

Já a decisão de Nana Queiroz em utilizar o corpo foi um pouco diferente de alguns protestos, a intenção foi dizer que seu corpo não era um objeto sexual o tempo inteiro. Ele era um objeto político naquele momento. O seu corpo nu é o objeto que ela quer que ele seja, é o objeto da sua intenção e decisão. "O corpo seminu na frente do Congresso era um gesto de dizer não importa que vocês digam que meu corpo é uma provocação, um objeto sexual. Eu que digo o que o meu corpo é. E, naquele momento, o meu corpo era protesto. Era político", enfatiza Nana Queiroz.

Daiara Figueroa opta por realizar *performances* nuas porque faz sentido para ela. As roupas, segundo Figueroa, são a materialização de uma construção social para o corpo, e se livrar delas é questionar esses imperativos sociais.

Quando questionadas quais os maiores desafios, as entrevistadas relatam o medo de ser detida pela polícia e de apanharem, porque elas enfrentam os conservadores. Por outro lado, no entanto, são essas pessoas que as ativistas querem atingir e trazê-las para o diálogo. "Eu encaro esses desafios como coisas menores perante as conquistas que conseguimos. Nós vimos mulheres pela primeira vez falando que tinham sido estupradas e de como elas sentiam culpadas. Tivemos a oportunidade de dizer que não foi culpa delas", comemora Nana Queiroz.

Luciele Oliveira ressalta uma cena, que aconteceu na primeira edição da *Marcha*, em Santa Maria, na qual, segundo ela, foi emocionante. As protestantes pararam em uma rua principal da cidade, onde tem muitas casas de prostituição, e começaram a ler a carta manifesto. Algumas mulheres que trabalham nessas casas aplaudiram, enquanto os homens, que estavam na rua, abaixaram a calça e mostraram o órgão sexual. "Tudo o que os homens querem é que a gente se descontrole, mas nós respondemos com a batucada, com o grito, com o seio de fora. É uma forma de dizer que, mesmo que mulheres apanhem, existem aquelas que seguem na luta firme e forte na rua", declara Oliveira.

Após Nana Queiroz iniciar a campanha *Não mereço ser estuprada*, houve apoio de muitas mulheres. O lado negativo, no entanto, segundo Queiroz, durante a entrevista pelo *Whats App*, foi que a jornalista sofreu algumas ameaças nas redes sociais, inclusive ameaça de estupro. "Foi uma semana muito difícil pra mim, fui à polícia, fiz denúncias. Tive que mudar a minha rotina, incluindo parar de andar de bicicleta, andar sozinha. Fui amada e detestada ao mesmo tempo naquela semana", aponta Queiroz.

Já Daiara Figueroa sempre é muito apreciada durante as suas *performances*, uma vez que as executa em espaços que circulam pessoas que apoiam este tipo de manifestação.

Como já mencionado, as feministas, ao protestarem com o torso nu, cometem o crime presente no Código Penal Brasileiro, art. 233, de *Ato obsceno*. As três entrevistadas, no entanto, não concordam que manifestar-se com pouca e/ou sem nenhuma roupa seja um atentado ao pudor. De acordo com Luciele Oliveira, as mulheres que estão com o seio à mostra, exigindo o seu direito, jamais podem ser punidas. O objetivo não é esse, envolve um assunto sério, e é muito maior que qualquer lei. Essa lei é utilizada para criminalizar o movimento. Quem está comprometido com a luta sabe que isso jamais é usado para ferir alguém, é um instrumento de luta, de comunicação com a sociedade. Mas a estudante não concorda com todos os casos de protestos nus. Ela critica, por exemplo, um ato realizado pela *Marcha das Vadias* no Rio de Janeiro, no qual foi caracterizado por pessoas nuas que introduziram objetos religiosos no ânus e na vagina (Figura 6: Integrantes da *Marcha das Vadias* protestam contra a Igreja, em Copacabana (RJ)). "Eu entendo que a igreja oprime as mulheres há anos e a gente tem que lutar pelo Estado ser laico. Dessa maneira, entretanto, elas não conseguiram dialogar com as mulheres que estavam presentes, que é o principal objetivo da *Marcha*. Elas não tiveram o mínimo cuidado com a luta construída por outras companheiras a nível nacional. Pensaram muito mais na questão individual do ato, e da radicalização pela radicalização, e não compreenderam a questão maior que é o diálogo com outras mulheres", desabafa Oliveira.



Figura 6: Integrantes da *Marcha das Vadias* protestam contra a Igreja, em Copacabana (RJ).

Fonte: *FaceBook* (2013)

Daiara Figueroa acredita que, de maneira geral, as manifestações que usam a nudez giram em torno do questionamento de fatores morais que são colocados em cima da nudez. "Da exibição da pele, da anatomia, de partes específicas da anatomia, inclusive no que se refere ao corpo da mulher, que é tudo aquilo que é ligado a sua sexualidade, como os seios e a vulva", afirma Daiara Figueroa. Ninguém reclama aqui no Brasil de uma exibição de uma bunda de uma mulher, do ventre, dos braços, das pernas. A questão da nudez está voltada para pontos muito específicos da nudez feminina. O que é questionado é por que existe tanto tabu em cima disso, e o que leva a sociedade a dizer o que está certo ou errado. "O que significa esse pudor? De onde vem à noção de pudor que a sociedade impõe aos nossos corpos?", indaga Figueroa. O pudor é um fator de moral social e existem muitas sociedades onde o corpo feminino é aceito de forma mais natural e respeitosa. O pudor não diz necessariamente quem exibe o corpo, mas principalmente sobre quem o observa, tanto que o "atentado" seria ao pudor de outrem e não do próprio.

No que diz respeito às estratégias de divulgação, Luciele Oliveira conta que, após a *Marcha*, os meios de comunicação tradicional da cidade liberam uma matéria muito pequena. O *Diário de Santa Maria* (jornal que circula na cidade), por exemplo, publicou, em 2012, apenas uma nota e não discutiu tanto o assunto. "Mas como foi a primeira *Marcha das Vadias* na cidade eles receberam tanta carta dos leitores que foram obrigados a fazer uma matéria completa, e tiveram que procurar professores e especialistas", confirma Luciele Oliveira.

A jornalista Nana Queiroz conta que para divulgar ela não fez absolutamente nada, apenas criou um evento para ela e mais cinco amigas no *Facebook*: "eu não faço a menor ideia de como aconteceu essa repercussão toda", declara Queiroz. Os usuários do *Facebook* não só participaram como criaram uma relação de engajamento ao ponto de tirarem fotos da mesma maneira que Nana Queiroz,

demonstrando, assim, interesse pela causa. Nas fotos abaixo (Figura 7: Internautas participam da campanha *Não mereço ser estuprada*), pode-se observar esse engajamento por meio da expressão facial de cada integrante, na qual simula indignação.



Figura 7: Internautas participam da campanha *Não mereço ser estuprada.*

Fonte: *FaceBook* (2014)

Durante o processo de divulgação pela mídia, Nana Queiroz não se sentiu injustiçada pela imprensa, apenas poucos agiram de forma indelicada ao entrevistá- la. "Alguns detalhes os jornalistas erraram, como a cidade em que nasci, disseram também que postei a foto nas redes sociais e só depois várias mulheres postaram o que não é verdade. Eu convidei outras pessoas para postarem ao mesmo tempo em que eu, às 20h", relata Queiroz.

6. Conclusão

Chega-se ao fim desse esforço de pesquisa com a conclusão de que são várias as instâncias, como o hospital, Estado, a medicina, escola, prisão, mídia, que normatizam o que é certo e errado em torno do corpo. O corpo feminino, contudo, sofreu mais repressão ao longo da história, e foi mais controlado por estas instâncias, tendo como causa principal a dominação masculina. Esse controle se dá, tanto pela associação da mulher ao papel de mãe, dos afazeres domésticos e procriação, quanto do estereótipo utilizado em campanhas publicitárias. Dessa forma, as manifestantes que saem às ruas com pouca e/ ou sem roupa, vão de encontro a essa rede complexa de poder e quebram tabus enraizados desde há muito tempo na sociedade.

As mulheres que protestam nuas têm a consciência de que estão fazendo um processo de desconstrução dolorido, porque ao mesmo tempo em que lutam por causas que envolvem violência e estupro, também têm que lidar com a cultura moralista e conservadora. Além disso, elas estão sujeitas a sofrerem violência

verbal e física – durante as ações – por parte daqueles que não concordam com o que estão presenciando e, também, pela polícia que pode as deter com base no Código Penal Brasileiro, art. 233, de *Ato obsceno*. Outro fator destacado, e que muitas vezes passa despercebido, é a questão da proibição do torso nu feminino e a liberação do masculino. Segundo as entrevistadas, isso se deve porque alguém (é difícil culpabilizar uma instituição só, pois, como já mencionado, são várias as instâncias que normatizam a questão do corpo) definiu que se as mulheres saírem com os seios à mostra é considerado um atentado ao pudor. As perguntas que surgem nesse momento são: quem definiu que mostrar o seio feminino é um crime e o do homem não? Por que enquadrar a mulher que comete o crime na mesma lei daqueles que fazem sexo em lugares públicos? É possível constatar ainda, nas falas das entrevistadas, que elas estão cientes de que o corpo nessas atuações serve para comunicar as pautas reivindicadas e lutar por seus direitos – que vai ao encontro da proposta do trabalho, no qual considera o corpo como um instrumento de mídia alternativa em atuações de gênero.

Em casos do coletivos *Marcha das Vadias* e das duas ativistas independentes descritas, as redes sociais servem de complemento para divulgação das estratégias desenvolvidas. Constata-se, entretanto, as ações de irem às ruas, nuas ou seminuas, com os corpos ditos "não ideais", a principal forma de reivindicar pelas causas em questão e chamar a atenção do público e da mídia convencional. É importante deixar claro que uma ação não substitui a outra.

Ao lançar o trabalho na empreitada de responder de que forma a utilização do corpo em manifestações pode ser considerada uma mídia alternativa, ou seja, uma nova forma de comunicação de protesto, compreendeu-se de maneira mais clara o que essas ativistas querem passar para a sociedade e o porquê de recorrerem a esse recurso, já que não foi encontrado nenhum referencial teórico que abordasse a utilização do corpo como mídia em ações de gênero. Desse modo, não sem prejuízos, o foco da investigação foi responder com base no que foi abordado pelas entrevistadas.

As ações estudadas atuam com discursos semelhantes, entretanto cada ativista realiza ações de acordo com a necessidade local e se organiza de forma distinta uma das outras, priorizando o que considera a maneira mais correta de protestar. O que se pode observar é que elas, enquanto ativistas, querem tornar o feminismo tolerável por toda a sociedade, mostrando que ele ainda se faz necessário nos dias atuais. A informação que o coletivo da Marcha das Vadias e das duas ativistas independentes querem passar é a de que existem sim direitos conquistados pelas mulheres. Mas há muitos outros que ainda estão longe de serem adquiridos e por isso é importante que a luta continue existindo. Ou seja, não é possível ser conivente com as desigualdades de gêneros que existem e acreditar que não há como mudar. As definições do que é "masculino" e o que é "feminino", não importando o contexto, são padrões que existem há muito tempo, são construções sociais.

APÊNDICE 1

Roteiro da entrevista semi-estruturada:

1. Quando começaram os movimentos?
2. O que mobilizou as primeiras atividades?
3. É uma organização local, nacional, ou internacional?
4. Quais os ideais vocês defendem?
5. Quantas pessoas fazem parte do movimento?
6. Quais critérios vocês utilizam para escolher o local das manifestações?
7. E as datas?
8. Como vocês agem durante as manifestações?
9. Por que vocês escolhem manifestar-se com pouca roupa e não da forma tradicional?
10. Teve alguma situação de vocês serem detidas? Qual foi a situação? Do que vocês foram acusadas?
11. Como é a recepção de quem vê?
12. Quais os principais desafios encontrados ao realizar uma manifestação com pouca/sem roupa?
13. Quais estratégias vocês utilizam para divulgar a manifestação para as mídias?
14. Como o coletivo se comunica com o público?
15. Como é o processo de criação e produção dos materiais de comunicação? Todas participam?
16. Como vocês mobilizam as pessoas envolvidas?
17. Qual o tipo de ação que vocês fazem para dar visibilidade às manifestações?
18. Após a manifestação, como a mídia costuma passar os fatos ocorridos durante a manifestação? Geralmente é da forma como realmente é?
19. Você considera manifestar-se com pouca e/ou sem nenhuma roupa ser um atentado ao pudor?

Ponteditora NAUS

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS REFUGIADOS QUE MIGRAM PARA O RIO DE JANEIRO: O CASO DA FEIRA DE REFUGIADOS CHEGA JUNTO

Social representations and memory in the reframing of the identities of refugees who migrate to Rio de Janeiro: the case of the refugee fair "chega junto"

Conceição Aparecida Nascimento de Souza

E-mail: conceicaosouza@terra.com.br
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM, UERJ)

Resumo

Neste artigo, procuro entender como, a partir das representações sociais e da memória, os refugiados que migraram para a cidade do Rio de Janeiro, constroem, afirmam, ressignificam e expressam suas identidades, num processo dinâmico e contínuo de produção de sentidos. As pessoas interagem em diferentes grupos e são nessas interações e sociabilidades que ocorrem a apreensão de vários e distintos elementos, fazendo com que haja a identificação de si e do outro, dando origem ao sentimento de pertencimento. As representações surgem nas práticas sociais presentes no cotidiano, regendo as relações do eu com o outro e favorecendo trocas e hibridismos. Além das representações sociais, a memória também faz parte do processo de construção e (re) construção identitária. Enquanto fenômeno social e fundamentalmente coletivo é um elemento constitutivo da formação da identidade, seja ela individua ou coletiva. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, a observação participante e entrevistas abertas.

Palavras-chave: Feira; Festa; Representação Social; Memória; Interação.

Abstract

In this article, I try to understand how, from the social representations and memory, refugees who migrated to the city of Rio de Janeiro, build, affirm, redefine and express their identities, in a dynamic and continuous process of sense production. People interact in different groups and are in these interactions and sociabilities that occur the apprehension of various and different elements, causing there to be the identification of themselves and of the other, giving origin to the feeling of belonging. Representations arise in the social practices present in daily life, governing the relation of the self with the other and favoring exchanges and hybridisms. Besides social representations, memory is also part of the construction process and (re) identity construction. As a social and fundamentally collective phenomenon, it is a constitutive element of the formation of identity, whether individual or collective. The methodology used was bibliographic review, participant observation and open interviews.

Keywords: Fair; Party; Social Representation; Memory; Interaction.

Introdução

Neste artigo, apresento a Feira de Refugiados Chega Junto como um espaço simbólico, palco de múltiplas interações e sociabilidades. Enquanto espaço de celebração intercultural, é um convite à experimentação, (con)vivências, trocas e afetos. Neste plural e festivo ambiente, a comida é a protagonista, atuando como signo identitário e elemento de vinculação e mediação entre os refugiados, os vários atores sociais presentes e a sociedade carioca. É, de maneira concomitante, um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações e comportamentos.

O objetivo deste trabalho é procurar entender como, por meio das representações sociais e a memória, os refugiados presentes na Feira expressam e ressignificam suas identidades, num processo contínuo de produção e reprodução de sentidos.

A Feira ocorre no último sábado de cada mês, nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada em Botafogo, um dos mais tradicionais bairros da cidade do Rio de Janeiro. É organizada pela Junta Local, em parceria com o Projeto Chega Junto e a Cáritas-RJ. O objetivo é reunir, num mesmo espaço, os diversos refugiados que se encontram na cidade, dando a eles a oportunidade de oferecerem à população local, comidas típicas de seus países, como forma de integração a sociedade de acolhida e reconstituição de vínculos identitários. No local, estão representados países como Colômbia, Venezuela, República do Congo, República de Camarões, Japão, Índia, Nigéria, Peru, Haiti e Índia. É possível perceber a força hibridizante do lugar, tangibilizada pelas múltiplas interações e apropriações culturais.

Esse *locus*, carregado de sentidos, é a representação de uma sociedade globalizada e pós moderna, pois apresenta a multiterritorialidade, onde, num mesmo lugar é possível encontrar pessoas das mais diferentes origens; a multiculturalidade, uma vez que nos espaços multiculturais encontra-se uma gama de diferentes culturas e opções simbólicas e, por fim, a interculturalidade, fazendo alusão às interações e hibridismos, resultantes do cruzamento das diferentes culturas, proporcionando trocas e fusões estilísticas.

A pesquisa bibliográfica foi usada para embasar os conceitos sociológicos e comunicacionais apresentados no texto. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a observação participante e entrevistas abertas. A escolha da metodologia é devido ao entendimento que uma das formas de realizar a pesquisa é ir a campo e observar as interações, sendo, ainda, uma interessante e produtiva forma de entrar em contato com o universo a ser pesquisado. As entrevistas possuem o objetivo aprofundar os dados observados.

A questão migratória no Brasil e no mundo, no contexto da globalização:

> "[...] E de que modo é afetada a alma quando lhe é subtraída a terra pátria sobre a qual se humanizou em intrincados processos históricos e psicológicos? Quanto tempo decorre até que esta substância anímica possa ficar raízes em outro solo? A muda transplantada adapta-se ou se transforma? A alma transmigrada é bem recebida pela outra, no lugar de desembarque?
> (GAMBINI, 2006)

A questão migratória é de ordem transnacional, própria de uma sociedade globalizada. Como fenômeno pós estado-nação, e por isso mesmo, marcada pela ruptura entre questões nacionais e identitárias, é preciso que sejam levados em consideração aspectos culturais, territoriais e linguísticos, indo além da questão das fronteiras formais (ELHAJJI, 2010). Para Sayad (1998), a migração é um fato social total, uma vez que extrapola as fronteiras do cotidiano e influencia as ações humanas, no espaço público e privado.

Pessoas e famílias inteiras, ao migrarem, vítimas de um processo diaspórico forçado, o fazem por diversos motivos. Embora as histórias sejam diferentes, normalmente possuem traços comuns, como dificuldades econômicas, luta por emprego e/ou trabalho, moradia, educação e saúde. Enfim, fatores ligados à luta pela cidadania que, de alguma maneira lhes foi negada no país de origem e que igualmente é difícil de conquistar no local de destino. Essas pessoas deixam para trás famílias, histórias, identidades e afetos. O refugiado se apresenta como um sujeito híbrido por excelência, e mais, é símbolo do sujeito contemporâneo, ao mesmo tempo nativo e estrangeiro, cosmopolita e de lugar nenhum, se configurando como um objeto de reflexão para entender os fenômenos sociais e políticos que marcam a contemporaneidade, fazendo surgir, ainda, uma maior compreensão de si e do outro.

Hall (2009), um dos principais pensadores a tratar o tema da diáspora, afirma que em seu sentido puro, ela é baseada na perspectiva da diferença, onde há o pressuposto da existência de um outro, que coloca em oposição o que está dentro e o que está fora. O autor define bem o sentimento diaspórico ao dizer que as essas pessoas estão "longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o bastante para entender o enigma de uma chegada sempre tardia" (2009, p. 393).

Sayad (1998, p. 11), complementa ao dizer que "[...] o imigrante é atopos, sem lugar, deslocado [...], nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do outro". É a experimentação do sentimento da ruptura e perda onde, de maneira dicotômica, vivem a situação de querer partir tendo que

ficar e ter que ficar querendo partir, numa incessante busca pelo seu lugar no mundo.

Uma das principais consequências dessa dicotomia é a crise identitária, proveniente de uma dupla descentração: a perda do seu lugar em si e a perda do seu lugar no mundo (HALL, 1992). A diáspora pressupõe o fenômeno do deslocamento, no espaço e no tempo; é o deslocamento do espaço primordial para um espaço desconhecido. A realidade deixada para trás carrega consigo tanto as chagas de uma vida de sofrimento quanto o vislumbre de um amanhã melhor, pois apesar de todas as dificuldades vividas há um "querer viver teimoso, irrepreensível" (MAFFESOLI, 2012, p.17). É como um grande devir, que traz consigo inúmeras potencialidades (DELEUZE; GUATARRI, 2011) e possibilidades.

Para a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados),[1] os refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Normalmente, essas pessoas vivem numa intolerável situação de periculosidade, onde, em muitos casos, a única solução é cruzar fronteiras internacionais e buscar a segurança, nem sempre possível, em outros países onde passam a ser consideradas refugiadas.

De acordo com a ONU, em 2015, havia 244 milhões de migrantes internacionais. Este número representa um aumento de 41%, quando comparado ao ano de 2000. Os números denotam a importância da questão das migrações na nossa sociedade contemporânea. Ainda de acordo com a entidade, em 2017, havia no mundo mais de 68 milhões de pessoas que saíram de seus países devido a conflitos e perseguições. Uma em cada 113 pessoas no mundo estão nesta situação, configurando a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, de acordo com o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, órgão ligado ao Ministério da Justiça, até o final de 2016, havia um total de 9.552 refugiados, de 82 nacionalidades.[2]

A globalização é um processo amplo que envolve nações e nacionalidades e que expressa uma nova forma de expansão do capitalismo. Seus recentes movimentos se iniciaram no início da década de 1990, com a popularização da internet. Virilio (1996) atesta que a produção de cineses é uma característica inerente e inegável da sociedade globalizada. Para o autor, a sociedade contemporânea global é essencialmente dromológica, isto é, uma sociedade imersa na movimentação, na circulação, no trânsito e no nomadismo, que imprimem ao tempo um ritmo

1 https://nacoesunidas.org

2 http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/tags/tag/conare-comite-nacional-para-os-refugiados

cada vez mais intenso. O sujeito da atualidade, então, é um sujeito cinético, vivendo uma movimentação ininterrupta no plano social, cognitivo, emocional e afetivo, tornando-se desenraizado, tanto no aspecto material (geográfico) quanto no aspecto imaterial (social e psicológico). Enquanto processo (ou fenômeno), econômico, social e cultural, pressupõe a interação entre pessoas, economias, mercados e culturas, em todo o mundo. Neste processo, as nações veem sua soberania, identidades e redes de comunicação sofrerem as consequências do fluxo de atores transacionais (Beck, 1999).

Para Hall (2009), a globalização possui forte impacto na construção do sujeito pós-moderno, onde as identidades começam a ser partilhadas a partir do consumo: "consumidores para os mesmos bens, clientes para os mesmos serviços, públicos para as mesmas mensagens e imagens" (IDEM, p. 74). Canclini (2015) complementa dizendo que os processos globalizadores reafirmam a interculturalidade ao criarem mercados mundiais de bens materiais e monetários, além de mensagens e migrantes. É a celebração do móvel, onde as identidades se encontram em formação contínua (MAFFESOLI, 2012).

A internet, enquanto fator preponderante no processo da globalização, surgiu para fluidificar as fronteiras, contribuindo com o livre fluxo da cultura e novas formas de consumo e experiências, por meio da instantaneidade do transporte da informação. E é graças a estas fronteiras fluidas que as pessoas, protagonistas de uma diáspora forçada, como é o caso dos variados grupos que migram para o Brasil e fixam na cidade do Rio de Janeiro, passam a ter informações e contatos com os muitos locais possíveis de migração, ajudando na definição do destino. Bauman (1999) contribui dizendo que em função da fluidez das fronteiras, apesar das culturas possuírem seu próprio *locus*, é cada vez mais difícil saber de onde se originam, graças às contaminações, trocas e hibridismos.

O cenário globalizado possui algumas características próprias e intransferíveis, como a multiterritorialidade, a interculturalidade e a transculturalidade, onde as interações e hibridismos proporcionam um sem número de fusões estilísticas, com a presença de inúmeros universos simbólicos e compartilhados. E é neste cenário que a comida, um dos mais relevantes signos culturais, surge como protagonista. Ela Favorece contatos, trocas, vivências, hibridismos e afetos, por todo o mundo e entre todo o mundo, pois se tornou um *locus* onde todos são inter-relacionados, diferenciados e complementares, fazendo surgir uma significativa e estrutural mudança nas formas de ser, agir, sentir e se relacionar.

Representações sociais, memória e ressignificações identitárias:

As pesquisas acerca das representações sociais e da memória, possibilita o entendimento de como indivíduos e grupos formam e expressam ideias,

conceitos, pensamentos e identidades, ou seja, como interpretam e agem na sociedade em que vivem. Tanto as identidades quanto as representações sociais se encontram em constante movimento, num incessante processo de construção e reconstrução de sentidos. Dessa forma, as culturas não podem mais ser consideradas como unidades estáveis, inseridas em limites precisos da ocupação de um território (CANCLINI, 2015). Rasse (2013) complementa dizendo que as culturas devem ser vistas como algo em construção, favorecendo o surgimento de novas e revigorantes culturas, mas que isso só será possível se percebermos os novos fluxos transacionais como fontes de reconstrução e não como fontes de influências desestruturantes.

As pessoas interagem em diferentes grupos. Essas interações e sociabilidades proporcionam a apreensão, na maioria das vezes de forma inconsciente, de vários e diferentes elementos, fazendo com que haja a identificação de si e do outro, dando origem ao sentimento de pertencimento. Nas sociabilidades, as relações se multiplicam, colocando as pessoas em permanente contato, gerando novas e inusitadas fontes de trocas, em função da mutabilidade das motivações e interesses. Conforme atesta Simmel, "é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são, na experiência concreta, indissociáveis" (2016, p.65).

As representações sociais estão presentes nas práticas sociais do dia-a-dia e fazem parte, de forma peremptória, do processo das ressignificações identitárias e culturais. Presente em diferentes contextos e espaços sociais "regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais" (JODELET, 1989, p. 5). Durkheim (1989) foi o primeiro teórico a tratar do tema, sob o ponto de vista sociológico. O autor apresenta o conceito de Representações Coletivas para se referir à forma como determinada sociedade se expressa no mundo. Essas formas de expressão são chamadas pelo autor de categorias de pensamento, que por sua vez, são resultados das observações e interpretações dos fatos sociais.

Para Moscovici (1978), as representações operam psiquicamente o conhecimento, tornando o mundo compreensível para quem nele vive. Estão diretamente relacionadas aos grupos sociais, sendo, portanto, produtos sociais dinâmicos e culturalmente aceitos. As identidades surgem a partir da existência da diferença entre o eu e o outro e são desenvolvidas ao longo de toda uma existência, se revestindo, cumulativamente, de vários e mutáveis vieses identitários.

Sobre isso, Hall (2006) afirma que em consequência das interações com outros grupos sociais e a fragmentação das identidades, o sujeito deixa de ser predizível, ou seja, a identidade fixa, vinculada a um conjunto de valores herdados, perde espaço, dando início ao que o autor chamou de crise da identidade.

Jodelet (1989) chama a atenção para a complexidade das representações sociais, fazendo alusão a sua "riqueza fenomêmica", onde estão presentes "elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc." (p. 4). Para a autora, esses elementos são organizados numa forma de saber, dando significado ao estado da realidade.

Além das representações sociais, a memória também faz parte do processo de construção e (re) construção identitária. Hawbachs (2014) afirma que a memória é um fenômeno social e fundamentalmente coletivo. Dessa forma, pode ser entendida como um elemento constitutivo da formação da identidade, seja ela individual ou coletiva. Ao destacar a participação do grupo social na reconstrução das lembranças, o autor coloca o tema da memória na relação do indivíduo com a sociedade. Dessa forma, as memórias individuais nada mais são que um ponto de vista da memória coletiva, ou seja, um ponto de convergência de diferentes influências sociais.

Ao lembrar de algo, as pessoas se valem de quadro de significados compartilhados, que servem como quadro de referência. A noção de tempo e espaço é igualmente fundamental para a rememoração de uma situação, independentemente de que ordem seja. Isso porque as localizações espaciais e temporais são a essência da memória.

Hawbachs (2004), nos alerta que a memória é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento por trazer em si o sentimento de algo já visto e reconstrução por ser elaborada em um novo tempo e em um novo lugar, onde novas representações se fizeram presentes. Isso faz da imagem do tempo antigo algo alterado e possuidor de novos significados. Dessa maneira, a memória também, tal qual as identidades, são ressignificadas em função de novas experiências e interações.

Identidade e memória, então, fazem parte de um diálogo social. A percepção de si e do outro são referenciadas nas origens históricas de cada grupo, em especial a família, e são definidas por meio de uma memória social compartilhada. Essa memória compartilhada é responsável pela expressão dos valores e crenças culturais do grupo.

A Feira de Refugiados Chega Junto:

A Feira de Refugiados Chega Junto é uma parceria do Projeto Chega Junto, da Junta Local e da Cáritas-RJ. O objetivo do Projeto é promover a integração sócio-cultural dos refugiados no cenário carioca por meio da gastronomia típica, reforçando o papel da comida como um elemento que valoriza a interculturalidade

e o empoderamento dos refugiados.[3] A Junta local, por sua vez, é uma comunidade localizada no Rio de Janeiro, que se propõe criar espaços físicos e virtuais para reunir consumidores, que buscam comida de qualidade oferecida a um preço justo, e pequenos produtores.[4]

A Cáritas foi criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1956. Seu principal objetivo é articular obras sociais católicas em todo território nacional. Em 1976 teve início o trabalho com os refugiados. Numa iniciativa pioneira, a Arquidiocese do Rio de Janeiro passou a acolher e prestar assistência aos refugiados que chegavam à cidade. Eles vinham dos países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai e chegavam aqui fugindo da perseguição política dos regimes militares. Na mesma época, Dom Eugênio Sales, decidiu instalar um serviço permanente de ajuda a refugiados. Com o auxílio da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), o cardeal designou a Cáritas-RJ para assumir essa tarefa em nome da Arquidiocese, dando origem ao primeiro trabalho sistematizado de atendimento a refugiados no Brasil.[5]

A Feira existe desde 2016 e acontece, sempre no último sábado de cada mês, nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo, um dos mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Como um grande mosaico societal, se traduz numa grande festa, num espaço de celebração em constante movimento (MAFFESOLI, 2012), onde se tem a oportunidade de visitar diversos países e experimentar novos e inusitados sabores, sem sair do lugar. É uma experiência imersa nos mais variados sons, imagens, cheiros, e acima de tudo, paladares.

Enquanto espaço de celebração intercultural e gastronômica, proporciona uma reflexão sobre interculturalismo, ressignificações identitárias e culturais, e cidadania. Por meio das múltiplas interações, as identidades de todos os que ali estão vão sendo hibridizadas e ressignificadas, uma vez que nesse espaço

> "...tão fluidicamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se estruturam em conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais"
> (CANCLINI, 2015, xxii)

3 https://m.facebook.com/caritasrj/posts/651278165054902

4 https://juntalocal.com/

5 http://www.caritas-rj.org.br/

Para muito além do viés transacional, a Feira é um lugar que abriga múltiplas sociabilidades, enquanto formas lúdicas de sociações (SIMMEL, 2006). Sobre o mesmo tema, Maffesoli (2012) apresenta o conceito de socialidades que é onde, de forma táctil, se efetivam as relações, pois é o local onde "[...] a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam" (MAFFESOLI, 1998, P. 102). É o cimento que sustenta e mantém as mais variadas formas sociais (IDEM, 2012).

Na chegada, antes mesmo de se adentrar no evento, já chama a atenção as inúmeras bandeiras, estendidas lado a lado, ao longo da extensa grade da igreja. São aproximadamente 20, prenunciando toda a experiência plural e intercultural que aguarda os visitantes. Logo ao chegar, é possível perceber a força hibridizante do lugar.

Em meu trabalho de campo, cada vez que vou a Feira, procuro observar e apreender as variadas interações, sociabilidades e ressignificações presentes no evento, buscando significados nos mais variados signos e representações presentes. Sei que estou diante de um grande desafio, em função das inúmeras subjetividades presentes, bem como da dificuldade de "fixar os significados de modo que fiquem estáveis por algum tempo" (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 109).

Inúmeras nacionalidades se fazem presente, dentre elas a colombiana, a congolesa, a togolesa, a venezuelana, a haitiana, a africana, a síria, a indiana, a nigeriana e a indiana. Cada uma delas nos brindam com autênticos e inusitados sabores. Todos falam português, com mais ou menos sotaque.

Ao caminhar por entre as barracas, envoltas numa rica paleta de cores, sotaques, cheiros e sabores, tento compreender os sistemas de representações sociais e de memória existentes no processo das ressignificações identitárias dos refugiados e dos visitantes ali presentes. Os hibridismos e as ressignificações ocorrem em meio a partilha de valores, pensamentos, sentimentos e experiências, perpassadas por inúmeras representações. E é nesse cenário que as pessoas, de forma paulatina e contínua, percebem e questionam suas identidades.

Durantes minhas conversas com os visitantes, pergunto o que eles acham da Feira, o que para eles é estar ali. Muitos deles, principalmente os que estão indo pela primeira vez, respondem que chegam com ideias pré-concebidas. Peço alguns exemplos dessas ideias e surgem termos como: "pobres coitados", "miseráveis" e "sem opções". É recorrente afirmarem que essas ideias vão mudando à medida que o tempo passa e o envolvimento deles aumenta. Passam a achar tudo lindo, colorido e gostoso. Se surpreendem com a alegria e simpatia dos refugiados. Para Hall (2006, p.190), o estereótipo é "um conjunto de práticas representacionais", que possui efeitos reducionistas, ou seja, limita as pessoas a simples e essenciais características, de representação fixa. Os estereótipos negam a diversidade e a

mutabilidade das representações. As interações entre os vários atores sociais presentes acontecem por todo o lugar, num ritmo frenético, próprio das feiras. Como num romance polifônico (BAKTHIN, 1997), todas as vozes se fazem ouvir, em meio a um grande frenesi.

As sociabilidades facilitam o hibridismo cultural e identitário ao proporcionar experiências de diversas ordens: estética, gastronômica, cultural, identitária e afetiva, permeando, dessa forma, o imaginário coletivo dos refugiados e dos visitantes. Por entre as barracas o que se vê é uma profusão de signos representados por cores, cheiros, indumentárias, decorações e sotaques diferentes. Os visitantes transitam livremente, entre uma barraca e outra, se vinculando a todas as culturas presentes, viajando sem sair do lugar.

A comida é a grande estrela da Feira. Funciona como uma linguagem comum, que constrói e compartilha significados (HALL, 2016). Enquanto mediadora, favorece trocas, vivências, hibridismos e afetos. Se apresenta, de maneira concorrente, como um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações e comportamentos, fazendo surgir, de maneira significativa, novas formas de ser, agir, sentir e se relacionar, indo além da questão biológica.

Com relação às práticas alimentares, Montanari (2013) diz que elas são o ponto de encontro entre diferentes culturas, onde as culturas alimentares serão mais ricas quanto mais intensas e frequentes forem as trocas. O autor complementa dizendo que a comida é muito mais do que algo para saciar a fome, é acima de tudo, um elemento cultural que possui uma narrativa própria, que conta uma história e que marca um tempo. É valorizada como uma linguagem universal, onde não há necessidade de intérpretes, é a linguagem sensorial do paladar.

Na mediação pela comida, ocorre um processo simbólico que organiza as possibilidades existenciais dos envolvidos, como é o caso dos refugiados presentes na feira e os cariocas. Há, por parte dos refugiados, uma reconstituição dos vínculos identitários ao mesmo tempo em que essas mesmas identidades são ressignificadas por meio do contato com uma outra cultura, a cultura viva da cidade do Rio de Janeiro. Por meio da venda das comidas típicas, está implícito uma mensagem própria onde estão presentes vários elementos, que codificam várias mensagens, presentes num sem número de representações.

Carneiro (2003), por sua vez, explicita a relevância da comida em nossas vidas ao asseverar que depois da respiração e do consumo de água, a alimentação é a mais básica das necessidades humanas, mas que essa necessidade vai além da biologia. Para o autor, a alimentação é um complexo sistema de significações sociais e expressão dos desejos humanos, se materializando nos hábitos, costumes e rituais. O autor diz ainda que à exceção do sexo, nenhum outro aspecto do comportamento humano é tão carregado de ideais.

A comida é, ainda, uma "ponte", possibilitando novos caminhos, novos horizontes, novas formas de vida e novos afetos. Para Simmel (2006), a metáfora da ponte acentua o sentido de (re)união, superando a distância entre as extremidades, possibilitando o "ir e o vir". Por este caminho simbólico, os refugiados reconstituem os vínculos perdidos ao mesmo tempo em que ressignificam suas atuais existências culturais e identitárias. Ilustra e tangibiliza a noção de que a aproximação e o distanciamento são apenas perspectivas de um todo.

Enquanto preparam as comidas típicas, os refugiados são envolvidos por memórias e lembranças de uma vida, para muitos deles, não mais possível. Conversando com alguns refugiados, pergunto qual o sentido da comida para eles. O que eles sentem no momento da escolha do prato, da separação dos ingredientes, enfim, durante todo o ritual que envolve o preparo dos pratos típicos que são oferecidos aos visitantes. Minha intenção é tentar entender como se dá a atuação da memória no processo da tentativa de reconstituição dos vínculos perdidos, além de procurar entender como se dá a ressignificação identitária, tendo a comida como mediadora.

Muitos deles, emocionados, dizem que comida é afeto e que cada vez que eles preparam os pratos típicos, são invadidos pela saudade e transportados para seus países de origem e que, muitas vezes, revivem situações, lembram de familiares que ficaram para trás, ouvem músicas e sentem cheiros da infância. Numa compressão espaço-tempo, num mágico momento de *invaginação*, o tempo para e há o regresso ao ventre (MAFFESOLI, 2012). É importante que se entenda que essas memórias não estão relacionadas apenas a reprodução de experiências passadas. Se trata, em realidade, da reprodução dessas experiências em consonância com a realidade do presente e apoiada pela sociedade e pela cultura (HAWBACHS, 2004).

Nesses momentos, repletos de emoção e nostalgia, se manifesta a memória individual e coletiva. Dessa forma, fica patente que as interações e sociabilidades presentes na Feira se apresentam como fatores relevantes na criação e recriação de representações, memórias e imaginários. Tudo como parte do processo cotidiano das ressignificações identitárias e culturais desses refugiados, tornando cada vez mais familiar a integração a nova sociedade. Em cada edição, os imaginários de todos os atores sociais presentes na Feira são "contaminados", como resultados das interações. Representações e identidades são construídas e reconstruídas de forma profícua e contínua.

Além das identidades e culturas, o próprio lugar é ressignificado. A igreja permanece o tempo todo aberta, acolhendo todos que ali estão, independentemente de nacionalidades e credos. Enquanto o pátio interno recebe as barracas, a escadaria da entrada da igreja é invariavelmente o palco de shows de música e dança. Naquele espaço, de construção imponente, com suas imagens e vitrais, o templo faz um harmonioso conjunto com a efervescência, a alegria e

a pluralidade cultural presente, assumindo, de forma concomitante, imaginários sagrados e profanos.

Conclusões

Em todo o mundo, a questão da migração em massa tem impactado de muitas maneiras na economia e na vida cotidiana de muitas nações e de várias comunidades. Os motivos para esta migração são os mais variados, sendo os principais: o recrudescimento das diferenças, as perseguições (políticas, étnicas ou culturais), a busca por melhores condições de vida ou em função de projetos acadêmicos.

Muitos desses migrantes, ao chegarem numa terra estranha, buscam sua integração a nova sociedade por meio da comercialização de comidas típicas de seus locais de origem. A Feira de Refugiados Chega Junto tem como objetivo exatamente isso: promover, por meio da venda de comidas típicas, a inserção dos refugiados na cultura da cidade do Rio de Janeiro, possibilitando a existência de interações e sociabilidades.

A comida, protagonista da Feira, atua como mediadora, facilitando a vinculação, econômica, física e simbólica dos refugiados à nova sociedade de acolhimento, a sociedade carioca. Além disso, se apresenta como um elemento de religação com a identidade primordial dos refugiados. Atua, ainda, como uma linguagem comum que constrói e compartilha significados, ao mesmo tempo em que favorece trocas, vivências, hibridismos e afetos.

As representações sociais, a memória e a identidade, fazem parte do diálogo social, regendo as relações das pessoas com as sociedades nas quais estão inseridas. O entendimento desses fenômenos, ocorridos na Feira e presentes nas interações e sociabilidades, facilita o entendimento de como são construídas, afirmadas, ressignificadas e expressas as identidades dos refugiados presentes na Feira e vítimas de um processo diaspórico forçado.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

https://nacoesunidas.org (acessado em 09/04/2018)

http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/tags/tag/conare-comite-nacional-para-os-refugiados (acessado em 09/04/2018)

https://m.facebook.com/caritasrj/posts/651278165054902 (acessado em 03/04/2018)

https://juntalocal.com/ (acessado em 03/04/2018)

http://www.caritas-rj.org.br/ (acessado em 03/04/2018)

BIBLIOG

RAFIA

BARTHES, Roland. A *Câmara Clara*. Portugal: Edições 70, 1980

BELTING, Hans. *Imagen Y Culto – Uma história de la imagen anterior a la edad del arte*. Madri: Ediciones Akal, 2012

FLORIÊNSKI, Pável. A *perspectiva inversa*. São Paulo: Editora 34, 2012

PIAZZA, Lello. *Manual Prático de Fotografia*. Portugal: Dinalivro, 1992.

REDIKER, Marcus. *O Navio Negreiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. São Paulo: Unicamp, 2014.

SONTAG, Susan. *Ensaios sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1981.

ALBUQUERQUE, Afonso. CARVALHO, de M. Eleonora. A *Blogosfera Progressista e a releitura do modelo de jornalismo independente no Brasil.* In: Comunicação e cidadania Política. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2017.

ALDÉ, Alessandra. *Cidadãos na Rede*: tipos de internautas e sua relação com a informação política online. Revista Contemporânea. Vol. 09, n.3. Salvador: UFBA, 2011, p. 370-389.

BARBERO, Martín Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro. Editora Ufrj, 2009.

BOURDIEU, PIERRE. A *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo. Perspectiva, 2013.

CAPPELLA, N.Joseph; JAMIESON, H. Kathleen. *News frames, political cynism, and media cynism*. The Annals of the American Academy of political and Social Science. Vol:546, issue 1, 1996.

CERTEAU, de Michel. A *Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COUTINHO, G. Eduardo; LEAL, S. A. Carlos. *Reificação e Hegemonia*: Uma aproximação. Novos Rumos. Marilia, v.49, n.1, p.107-116, jan-jun, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 1988. Rio de Janeiro, Graal, pp. 167-77.

GOMES, Wilson. A *Política na timeline*, Edufba, 2014.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Editora, Unesp,2011.

HUNTER, D, James. *Culture Wars*: The Struggle to Define America. Nova York: Basic Books, 1991.

IANNI, Octavio. *Enigma da modernidade-mundo*. São Paulo: Editora, Record, 2000.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo, Aleph, 2009.

KONIZETS, Robert.V. *Netnografia, realizando pesquisa etnográfica online*; Penso, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A *estetização do mundo*. Viver na era do capitalismo artista. São Paulo. Editora Schwarcz, 2015.

MALINI, Fabio, https://www.labic.net/cartografia/como-o-discurso-de-odio-amplia-a-viralidade-do-noticiario-politico-no-facebook/,2017.

SHNEIDER, Marco; BEZERRA, C. Arthur; CASTRO, Leonardo. *Um esboço de autoanálise da Ciência da Informação*: contribuições de Pierre Bourdieu. In: Bourdieu, Pierre e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação. Rio de janeiro. Garamond, 2017.

SODRÉ, Muniz. A *Ciência do Comum notas para o método comunicacional*; Petrópolis, RJ, editora Vozes, 2014.

VREESE, de Cales. *The effects of strategic news on political cynicism, issue evaluations, and policy support*: A Two-Wave experiment. Journal Mass Communication and Society.Vol.7, issue 2, 2009, p.191-214.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. O que é feminismo. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BELELI, Iara. Corpo e Identidade na propaganda. In: Net, Florianópolis, janeiro-abril, 2007. Disponível em: HTTP://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a12v15n1.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

BRUNO, Thebaldi. O corpo "espelho do eu" – A exteriorização no processo de formatação da subjetividade contemporânea. In: Sessões do Imaginário: Cinema, cibercultura, tecnologias da imagem (Online). Porto Alegre: ediPUCRS: v. 18, n. 30, set. 2013. pp 116-126. Disponível em http://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/ojs/index.php/famecos/article/view/15206/ 11079. Acesso em: 12 jun. 2019.

FARTHING, Stephen. Arte performática. In:_____. Tudo sobre arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. pp 512 – 51

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LOPES, Luís Carlos. O Culto às mídias: interpretação, cultura e contratos. São Carlos: EdUFSCAR, 2005.

ABDLMALEK, Sayad. A *imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP. 1998.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECK, Ulrich. O *que é globalização? Equívocos do globalismo, resposta à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5: Ed. 34, 1997.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O *mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 200333.

HAJII, ElHajii. *Rio de Janeiro-Montreal: conexões transnacionais/ ruídos interculturais*. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos 12(3): 177-184, setembro/dezembro 2010.

HALBWACHS, Maurice. A *memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. A *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo Retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

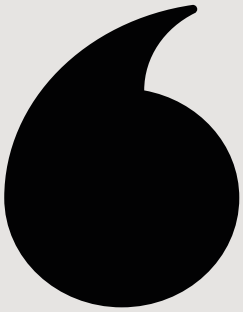
_____. *O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MONTANARI, *Massimo. Comida como cultura*. São Paulo: SENAC, 2013.

RASSE, Paul. *La Diversité Culturelle*. Les Essentiels d`Hermes. Paris: CNRS Èdition, 2015.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*: indivíduo e sociedade: Zahar, 2006.

_____. *Sociologia*. Org. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.





Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã, se estiver cega, Responsabilidade de quê, A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam, Não podes guiar nem dar de comer a todos os cegos do mundo, Deveria, Mas não podes, Ajudarei no que estiver ao meu alcance, Bem sei que o farás, se não fosses tu talvez já não estivesse viva, E agora não quero que morras,

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a Cegueira. p.115.